

FEE-CEBOG
BIBLIOTECA

LUIS FERNANDO VERISSIMO E AS MÚLTIPLAS FACES DA ECONOMIA

As crônicas e as tiras de Luis Fernando Verissimo foram selecionadas levando em conta a diversidade de aspectos da área econômica. O que flagramos, durante o período de 1990 a 1995, se baseia num diálogo do cronista e cartunista com a desenvolta Economia. Tentamos apanhar e colher facetas, incisivas e irônicas, do que o autor sentiu e pensou, sempre com aquele tom pessoal e inconfundível. Interessou-nos, neste material, a sua inteligência da exacerbação de atos, falas e posturas dos economistas; interessou-nos a sua percepção das políticas econômicas; interessou-nos a sua visão da sociedade capitalista moderna; interessou-nos a sua compreensão das relações econômicas entre países. Olhando esses escritos e esses cartuns feitos ao longo dos anos, podemos constatar, com surpresa e com magia, que o humor constrói uma teoria intuitiva sobre a problemática econômica tão pertinente como as nossas. E com uma vantagem, a lógica sendo outra, não há "economês" nem formalizações, são textos isentos de matemática e plenos de comentários e histórias saborosas (ver a do casamento entre dois economistas!). Não há leitor que não possa ler.

De Luis Fernando Verissimo, não cabe aqui falar extensamente de sua obra, mas podemos dizer que nela avulta um cronista tão brilhante no domínio da sintaxe como Paulo Mendes Campos, tão disputadamente lido como foi Rubem Braga e com humor cotidiano superior ao de Fernando Sabino. Sua escrita é oposta à seriedade de Otto Lara Resende, com este formando

também uma curiosa oposição no humor, Otto Lara britânico, Luis Fernando Verissimo nova-iorquino. Embora tenha um certo parentesco de zombaria com Carlinhos de Oliveira, sua emoção desenvolveu-se na cidadania, enquanto o cronista do Rio de Janeiro passava pela dramatização pessoal. Talvez o lado carioca de Stanislaw Ponte Preta saiba ser uma aproximação mais justa, o que traz à luz a vocação zombativa, pícaro e crítica de Luis Fernando Verissimo — na sempre santa campanha contra as farsas e as ideologias, vocação de todo humor. O interessante, seja nas crônicas, seja nas tiras, é a sua exuberância na criação de personagens, são infundáveis: Ed Mort, o analista de Bagé, a velhinha de Taubaté, Mack, Queromeu, Boca, Família Brasil, as cobras, etc. E de toda essa iluminada imaginação não poderíamos esquecer o seu *O Jardim do Diabo*, um romance e filho menos conhecido, onde se revela a sua extraordinária capacidade de lidar com diversas linhas narrativas, com a crítica social vindo por dentro das situações e produzindo um texto — que sabemos nós? — policial, comparável ao exitoso Rubem Fonseca.

Talvez o Brasil tenha necessidade de doses gigantescas de humor — de humor do imediato. Daí a requisição constante do autor para a volumosa carreira das crônicas e das tiras. Quem lê Luis Fernando Verissimo quer aquela dose esplêndida de humor. É isso que **Ensaíes FEE** proporciona aos seus leitores, que recebem uma quota respeitável, onde não sabemos o que admirar mais, se a versatilidade da linguagem, se o traço despojado dos desenhos, ou se a visão pessoal dos acontecimentos. Alguns preferem este ou aquele aspecto, nós preferimos o conjunto.

Enéas de Souza

1990

RESISTÊNCIA

ZERO HORA (17.1.90). Porto Alegre.

Quando ouço falar de teses econômicas e convicções políticas que morrem para sempre enquanto outras triunfam irreversivelmente, penso nas minhas calças. Há anos que minhas calças são objeto de incredulidade e revolta da parte de familiares e amigos, pois são sempre iguais. Me fixei num modelo que não saberia descrever com exatidão — Anos 50 Forever seria uma boa tentativa — e uso o mesmo estilo desde a adolescência, apesar dos protestos. Já atravessei, com meus canos folgados e quatro bons bolsos, não contando os do troco, várias mudanças da moda. Quando todos foram obrigados a usar bolsinha para carregar o que não podiam carregar nas calças, fiquei fiel aos bolsos profundos, que nunca eram esquecidos com tudo dentro em lugar nenhum, a não ser que também se esquecesse as calças. A moda já foi boca de calça estreitíssima, depois boca-de-sino. Minhas bocas permaneceram ortodoxas e sensatas, indiferentes ao tempo e às convenções passageiras. Aos que me acusavam de conservadorismo eu sempre respondia que pelo menos uma vez por década minhas calças voltavam à moda, ou a moda voltava às minhas calças. Eu estava, na verdade, sempre na vanguarda, sofrendo a incompreensão que é fardo comum a todos os pioneiros. Agora mesmo, pelo que sei, as calças largas e os bolsos fundos voltaram. Não quero reivindicar nenhum mérito, pela resistência solitária, nesse retorno ao bom senso — mesmo porque em duas semanas, provavelmente, estarei fora de moda outra vez. Mas há uma lição nisso tudo para os que se sentem deixados para trás por eventuais modas triunfantes. Segurem as calças. Não desesperem. Acima de tudo, não sucumbam à vertigem da adesão, por mais que ela tente. Cedo ou tarde, muda o manequim.

ENRIQUECIMENTO

ZERO HORA (16.2.90). Porto Alegre.

Você (eu conheço você), quando vê um desses filmes em que as pessoas viajam no tempo para frente e para trás, logo pensa no que poderia ganhar se tivesse o mesmo poder. Pensa em como poderia voltar para a véspera do jogo Brasil e Uruguai, de 50, apostar tudo no Uruguai e voltar rico, tendo o cuidado de transformar cruzeiros da época em dólares. É ou não é? Não pensa em satisfazer sua curiosidade científica, descobrindo quem colonizará a Lua primeiro, os japoneses ou a MacDonald's, ou se Collor fez tudo que prometeu e foi canonizado. E muito menos pensa em se enriquecer culturalmente, voltando no tempo para conviver com um Shakespeare, com um Bach ou com um Machado de Assis. Imagine só. Viajar no tempo e no espaço para um campo florido em Arles e encontrar Van Gogh. Pedir para ficar olhando por sobre o seu ombro enquanto ele pinta. Se declarar um admirador de Van Gogh.

Ele acharia muito estranho.

—Ninguém me conhece. Eu nunca vendi um quadro.

—Pois eu compro esse.

—Eu ainda nem comecei!

—Eu compro. Deixa ver quanto eu tenho no bolso... Isso serve?

—Claro! É quase o preço de um pão!

—Então está combinado.

—Puxa. Meu primeiro quadro vendido... Vou me apressar.

—Calma. Tem tempo. Pode caprichar.

Imagine proporcionar a Van Gogh a sensação de vender um quadro. Trazer o quadro para o presente. Procurar a "Sotheby's".

CONLUIO

ZERO HORA (18.2.90). Porto Alegre.

Com essa controvérsia sobre o cimento, entre outras, passou-se a discutir a questão dos oligopólios no Brasil. Não é uma questão nova, mas não me lembro

de vê-la com muita frequência na lista de responsáveis pelo nosso descontrole econômico. Talvez porque seja como uma daquelas culpas antigas que toda família tem, e que não são comentadas por conveniência ou porque, de tão antigas e corriqueiras, já passaram de pecados à tradição. Fala-se do gigantismo estatal, do déficit etc. Mas mesmo quando se fala no cartorialismo é como se fosse uma das aberrações do estatismo que a empresa apenas aproveita, embora condene. Um pouco como o bicheiro que suborna o policial e se escandaliza com a sua corrupção. O oligopólio é o mercado como farsa. O tamanho da sua culpa na nossa situação talvez nos tenha sido sonogado até agora porque é difícil denunciar a farsa sem levar a denúncia ao seu lógico passo seguinte e dizer que toda a nossa situação é, de uma maneira ou de outra, produto de uma encenação, de um conluio, grande palavra, entre o estado concentrador e uma livre empresa com pavor da liberdade, entre dois sistemas de exclusão. O estado empresário hoje universalmente execrado não teve geração espontânea, foi uma herança do Getúlio que os governos militares assumiram e ampliaram, e não apenas para dar emprego a coronéis. Os maiores críticos do modelo, hoje, são os mesmos que dirigiram a economia no tempo em que a cumplicidade se firmou, a começar por Roberto Campos. O modelo não serve mais, e os próprios oligopólios começam a ser chamados de bandidos, porque o conluio não serve mais, porque as suas vítimas se deram conta e porque não há mais o que saquear. (*Continua*)

CONLUIO II

ZERO HORA (19.2.90). Porto Alegre.

A culpa pelo que está aí interessa menos do que a saída, mas como a saída escolhida foi a auto-regeneração da classe dominante brasileira, sempre é bom lembrá-la do que ela é culpada, para ajudar na expiação. No Brasil, como disse o Collor, existem as elites responsáveis e as elites irresponsáveis. As próprias elites sabem distinguir as responsáveis das irresponsáveis: as irresponsáveis são sempre as outras. Mas não vamos duvidar que a autocrítica será conseqüente. Mesmo sem concordar com um certo curioso conceito que anda no ar, o de que patriotismo equivale a silêncio, pode-se suspender o ceticismo e acreditar que desta vez "as elites" tomarão mesmo jeito, se não por uma revisão de caráter então pelo instinto de sobrevivência. Hoje denuncia-se o oligopólio e isso é um

progresso. O oligopólio é o estatismo informal, o dirigismo clandestino, irredimido pelo proveito social ao menos teórico do monopólio estatal. Reconhecer a sua culpa é reconhecer, mesmo indiretamente, que o mercado tem seus vícios inevitáveis, ou só evitáveis pela interferência do estado. Mas elegeu-se o estado como o vilão maior, o que corresponde a absolver a empresa da sua participação neste processo de pilhagem que foi a construção simultânea da oitava economia e de uma das sociedades mais miseráveis do planeta. Tanto quanto a esquerda, os liberais também têm seus românticos. Eles acreditam num mercado livre depurador e auto-regulável que assegura o triunfo não apenas do mais capaz como o do mais virtuoso. A abertura da economia brasileira se basearia numa ingenuidade parecida: contra os vícios do oligopolismo, o remédio da competição com o capital eficiente sem o medo de que apenas seremos pilhados com mais eficiência. Para acabar com o conluio entre um estado privilegiador e corrupto e a empresa aproveitadora e corruptora optou-se por retirar o estado da economia e apelar para a consciência da empresa. "As elites" se regenerariam para evitar o pior, porque nunca se deve desprezar a força moral da conveniência. Vamos ver.

AS ELITES

ZERO HORA (23.2.90): Porto Alegre.

As velhas anedotas, como os manequins de loja, nunca morrem. Vão para o depósito e reaparecem com roupa nova.

Diz que o Sapo gostou muito da eleição do Falcão Commander como presidente do banhado.

— Obaaaaa — disse o Sapo, abrindo sua bocarra, já que votara no Falcão por motivos ideológicos. O adversário do Falcão nas eleições era a Cobra, uma notória inimiga dos sapos, e a ideologia do Sapo era não ser comido.

— Obaaaaa — disse o Sapo, abrindo sua bocarra, quando soube da viagem do Falcão ao exterior, onde impressionara reis e potentados com a beleza da sua plumagem e a pronúncia do seu francês.

— Obaaaaa — disse o Sapo, abrindo sua bocarra, quando soube que o Falcão pretendia privatizar tudo, pois achava que o Estado não devia dominar a economia, mandar em todo mundo e cobrar o que queria, quando os oligopólios podiam fazer isto muito melhor.

— Obaaaaa — disse o Sapo, abrindo sua bocarra, quando disseram que o Falcão, depois da posse, abria a economia do banhado para o capital internacional, já que, na sua opinião, o capital nacional atrasava a emancipação do banhado com a sua ineficiência e o capital internacional, nesse ponto, era muito mais eficiente.

E quando ouviu que o falcão pretendia atacar duramente as elites do banhado, começando pelos bichos de boca grande, o Sapo fez uma boquinha e exclamou:

— Coitado do jacaré!

HORA DA REFLEXÃO

ZERO HORA (1º 4 90). Porto Alegre.

Foi um fim de ano e começo de outro, para dizer pouco, movimentado. Do lento desmoronamento da administração Sarney ao bombástico começo da administração Collor, passando pela campanha e os dois turnos, vivemos intensamente a aventura de ser brasileiro. Pense, como consolo, no que você vai ter para contar, quando as coisas acalmarem, daqui a duzentos anos. Do período que começa agora, com a esquerda perplexa, a direita indignada e as duas sem dinheiro, não sei o que diremos na hora da reflexão. Tudo está por acontecer, a primeira quinzena deste novo Brasil serve como prólogo para qualquer coisa, e a diferença entre a melhor e a pior hipótese dependerá, muitas vezes, só do ponto de vista. O que entusiasmo tanta gente no Collor é justamente o que assusta outras tantas. Os sintomas de um bonapartismo nascente são fortes, mas se você comenta isto com alguém pode ouvir um "Pois é, não é maravilhoso?" Enfim, tudo ainda é o prólogo. A aventura continua.



Abril é o mais cruel dos meses, disse o poeta, mas não será para você leitor, que a partir de amanhã e até o final do mês terá o Scliar aqui todos os dias. Não, não tive informação privilegiada que me possibilitou assegurar as férias antes do pacote. Simplesmente, ao saber que o presidente aplicaria um golpe de caratê chamado "ippon" na economia, procurei me informar e descobri que o "ippon" consiste em acertar, ao mesmo tempo, o over e a poupança do adversário, deixando-o na situação que os japoneses chamam de "na-lona", e

tomei precauções. Primeiro de abril, claro. Tchau. Valeu. Volto em até menos de 18 meses, dependendo do desempenho da minha economia. Se o Scliar falar mal do Internacional ou da Jaqueline Bisset, me avise. Não assine nenhum cheque em branco, ainda mais se for de Brasília e o portador estiver camuflado. Viva a República.

O MODELO E A CÓPIA

ZERO HORA (26.7.90). Porto Alegre.

Os franceses não têm nenhum pudor em serem americanos de segunda mão e todas as novidades americanas do século, do filme "noir" ao rock e à "fast food", foram entusiasticamente adotadas e adaptadas por eles. Foi sua fascinação americana pelo moderno e o funcional, combinada com a qualidade do seu ensino, que transformou este país de agricultores e vendeiros numa potência tecnológica e certamente a sociedade que mais curte o "high-tech" no mundo. Há uma natural assincronia entre o modelo e a cópia. Só agora Johnny Halliday está ficando com a cara com que Elvis Presley morreu. E só agora que jovens empresários franceses começam a agir com o tipo de agressividade que nos Estados Unidos já não se vê muito, a não ser alguns escroques do mercado financeiro. Bernard Tapiés, que acaba de comprar o controle da Adidas, não pertence apenas à linhagem americana de arrojo que só escapa de ser criminoso porque dá certo. Marselha tem uma longa tradição neste sentido, mas seu lance, junto com outras investidas internacionais bem-sucedidas de empresas francesas, convence os franceses de que eles já são quase mais americanos que os americanos.

A Adidas, além de tudo, era alemã. O sucesso empresarial da França está servindo para disfarçar a frustração política com um realinhamento da Europa que decididamente escapou do seu controle e passou a ser um empreendimento exclusivamente alemão, para não dizer um show particular de Helmut Kohl. Há insatisfação com a situação na França, com o desemprego, com os baixos salários no serviço público, com a imigração e com o Mitterrand, que perdeu seu lugar no leme da unificação européia e parece ter perdido a noção do seu passado e dos seus compromissos. Sem muito o que admirar nos seus políticos, os franceses descobrem novos heróis nos seus homens de negócio. O que também é muito americano.

1991

A OUTRA GUERRA

ZERO HORA (3.2.91). Porto Alegre.

Pela primeira vez em muitos dias a manchete principal do jornal não era sobre a guerra no Golfo. Era sobre uma guerra mais próxima, a do Brasil contra a sua peculiaridade econômica. A dona Zélia usou a palavra "trégua" nos preços para não usar "congelamento" e lembrar outros tempos e outros fracassos, mas a palavra é adequada. Esta guerra se parece com a outra. Como o Saddam, a inflação brasileira foi bombardeada com tudo que havia no arsenal ortodoxo e heterodoxo, inclusive um míssil supostamente inteligente e infalível, diferente de tudo que fora tentado antes — o confisco de março — e não só não se entregou como avança. Fenômeno. Uma inflação de 20% em janeiro não podia estar acontecendo. É contra todos os manuais do mercado. Não havia dinheiro, não havia demanda. A se acreditar neste governo, não havia mais os desmandos perdulários de outros governos para alimentá-la. E lá estava ela, não só viva e saudável como dando entrevista para a CNN de terno azul-marinho.

Nossos liberais são enternecedoramente fiéis ao mercado, mesmo quando ele os engana. Explicam o seu comportamento errado com a desculpa que a situação é atípica. Minha mulher me trai, sim, mas é sempre com um cara irresistível, a pobrezinha. Como um velho socialista que ouvi certa vez justificando o fracasso do dirigismo soviético com a frase "Também, na Rússia, o que que vocês esperavam?", nossos liberais têm o alibi pronto do Brasil. No Brasil não existem situações atípicas. A normalidade é atípica, o atípico é típico. Os que tentam inutilmente tanger a economia brasileira para alguma espécie de padrão racional, onde o mercado possa se comportar direito, talvez se frustrassem menos se incluíssem a nossa atipicidade não nas suas variáveis mas nas suas determinantes, ou então comesçassem a desconfiar que o mercado não é tudo o que pensam. É imprescindível conhecer o terreno em que se faz a guerra. Contam que Israel invadiu o Egito (só para ficar na analogia militar, e no Oriente Médio) e os egípcios pediram conselhos a estrategistas russos. O que fazer? Deixa eles virem,

disseram os conselheiros, escolados em derrotar invasores da Rússia. Mas como? Não contra-atacamos? Não tentamos expulsá-los? Nada, disseram os russos. Deixem eles virem. Fiquem firmes. Quando o inverno chegar, a neve os deterá.

Os economistas brasileiros fazem tudo de acordo com o manual, mas a neve nunca chega.

NOMES

ZERO HORA (5.2.91). Porto Alegre.

— Ainda bem que vai ser mulher...

— Por que, mãe?

— Conheço você. Se fosse homem, ia se chamar Saddam.

— O que é isso?

— Ou Scud.

— Nada disso...

— Eu com um neto chamado Scud. Como se não bastasse o Cavaco. Só porque nasceu durante as eleições em Portugal, meu neto se chama Cavaco!

— Mas a seguinte se chama Violeta.

— Chamorro! E faz questão que a gente chame pelo nome completo.

— Todos os meus filhos gostam dos seus nomes.

— Eu sei. Até o Pioneer II, pobrezinho.

— Mãe...

— Deus que me perdoe, mas ainda bem que o Muamar você perdeu.

— Mãe, o nome desta já está escolhido.

— Eu não quero ouvir! Você nunca me consulta. Não pensa em mim. E eu tenho que fazer força para tratá-los pelo nome. Meus próprios netos. Pelo menos o Lech eu posso chamar de Leca. Como é o nome dessa?

— É...

— Não me diz! Deixa eu adivinhar. Para você, tem que estar no noticiário, tem que ser atual. Você não é como a Baby Consuelo, que põe nomes universais nos filhos. Nomes atemporais, bonitos. Krishna Baby, Kripton. Não, com você é Gorbachev, é Perez de Cuellar...

— Eu não tenho nenhum Perez de Cuellar.

- Ainda!
- Está bem. Adivinhe o nome da sua próxima neta.
- Deixa ver. Mulher. Um nome que está no noticiário...
- Está esquentando.
- As mudanças econômicas! É o assunto do dia.
- Está quente.
- Minha filha! Finalmente!
- O quê?
- Eu vou ter uma neta com um nome normal.
- Qual?
- Não é Zélia?
- Claro que não, mãe.
- Então... qual?
- Tablita.

O MERCADO

ZERO HORA (17.2.91). Porto Alegre.

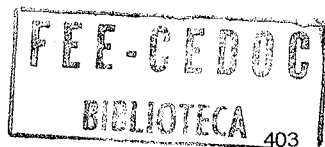
Um casal de economistas brasileiros decidiu ter um filho, que chamariam de Mercado. Prepararam o quarto para o Mercado, compraram as suas roupinhas, e esperaram. E esperaram, e esperaram. E nada de aparecer o Mercado. Consultaram um médico, que disse que não havia nada de errado com o aparelho reprodutor da economista. Era só terem paciência que o Mercado viria naturalmente. Mas o Mercado não vinha e, finalmente, embora fossem antiintervencionistas, os dois decidiram que só havia uma coisa a fazer. Naquela mesma noite tiveram relações sexuais, e dali a nove meses nasceu — uma menina. Uma menina não podia se chamar Mercado. E muito menos, claro, Mercada. Assim, quando trouxeram o bebê para o quarto, a mãe disse: "Ele não é uma beleza?", e o pai disse: "Ele é lindo", e os dois ignoraram os protestos da enfermeira, que dizia que não era "ele", era "ela", pois o que sabem os leigos? E como era um casal moderno, decidiram que o Mercado cresceria completamente livre, fazendo o que bem entendesse, sem qualquer intromissão da sua parte. A não ser por pequenas intervenções corretivas, para que o Mercado não perdesse seu caminho — como convencê-lo a fazer xixi de pé e não sentado,

forçá-lo a brincar com carrinho em vez de boneca, ameaçar congelá-lo se ele insistisse em aprender balé em vez de jogar futebol, etc — deixaram o Mercado livre. E assim o Mercado chegou à adolescência. E um dia, quando seus pais recebiam amigos em casa e lhes contavam como o Mercado fazia tudo que queria, pois o Mercado é que mandava na casa, ele entrou na sala e anunciou que ficara noiva de um subtenente chamado Leomir, e o pai o fuzilou com uma espingarda de dois canos. Depois, as opiniões entre os amigos do casal se dividiam. Uns diziam que aquele nunca fora um Mercado, era outra coisa, e só os pais não viam. Outros diziam que os pais tinham sido prematuros, que casar com o Leomir, ter filhos, se divorciar e começar a fazer pintura em cerâmica seriam apenas fases na vida do Mercado, que cedo ou tarde se convenceria que era um Mercado, voltaria para casa e se comportaria como eles esperavam. Mas a melhor opinião de todas talvez tenha sido a de quem disse que no Brasil nunca se sabe o que vai dar, e portanto sei lá.

DE SEMPRE

ZERO HORA (7.3.91). Porto Alegre.

Viajei pouco depois do Collor tomar posse e disparar sua bala prateada contra a inflação e voltei pouco antes do governo reconhecer que a bala única apenas aleijara o bicho e anunciar o congelamento de preços e salários. Dez meses fora deveriam nos dar uma perspectiva especial do Brasil, pois vemos o antes e o depois sem a distração do durante. Mas às pessoas que me perguntam se estou achando o Brasil da volta muito diferente do Brasil que deixei, só posso responder: como tem mais cerveja importada, né? Reconheço que não é uma observação muito brilhante. A triste verdade é que o Brasil radicalmente outro que o novo governo propunha não veio. Está certo, é cedo, mas a impressão que se tem é que o momento para uma virada radical de mentalidade e expectativas já passou e tanto o novo presidente quanto os seus entusiastas não podem mais contar com a retórica do vamos lá minha gente para contrapor à realidade do Brasil de sempre. Isto é trágico e perigoso — que nova retórica estará por vir para mobilizar quem ainda acredita em salvadores de geração espontânea? — mas também tem o seu lado reconfortador. Saí de um Brasil galvanizado pela promessa salvacionista e volto a um



Brasil desiludido. Talvez precocemente, mas desiludido. O que também quer dizer um pouco mais cético, um pouco mais disposto a soluções possíveis em vez de mágicas. A julgar pela sua entrevista à Marília Gabriela, o único brasileiro que ainda se apegava ao mito Collor é o próprio Collor. Talvez por razões sentimentais. Mas ele também está sensatamente escolhendo o caminho do arranjo, do entendimento, do possível. Curiosamente, voltei a um país bem mais PMDB do que quando o PMDB estava no poder. PMDB no bom sentido.

E algumas das cervejas importadas são muito boas.

QUANDO APERTAR

ZERO HORA (14.7.91) Porto Alegre.

Quando as coisas vão mal, abra um bar? Nunca entendi bem esse conselho. Presumivelmente haverá uma clientela certa, gente querendo escapar das suas agruras econômicas para dentro de um copo, mas quem terá dinheiro para pagar a conta? Em pouco tempo o seu bar também faliria e você estaria na rua com seus ex-clientes — procurando outro bar. Acho que o que o conselho significa é quando as coisas vão mal, concentre-se nos apetites da sua espécie. Por pior que esteja a situação, as pessoas sempre buscarão a comida e a bebida e a companhia dos outros, nem que seja só para trocar lamúrias. Como não tenho vocação para dono de bar ou restaurante — meu talento é para outro lado do balcão — tenho pensado muito no que fazer quando a crise apertar. Felizmente, os apetites humanos diversificaram-se um pouco com o passar dos anos e hoje existem várias coisas que as pessoas simplesmente não podem dispensar, mesmo com a crise lambendo os seus pés. Decidi dedicar-me a estes apetites novos e bolei um serviço que iria de encontro a duas fomes modernas, a do misticismo e a da saúde. Se chamaria Vudupuntura, só precisaria de uma sala, alguns funcionários, um telefone e um anúncio no ZH Classificados, e seria assim. Uma acupunturista oriental ficaria de plantão junto ao telefone tendo ao lado uma vuduísta, ou como quer que elas se chamem, haitiana. O cliente telefonaria para se queixar, digamos, de dores nas costas e a acupunturista diria "um momentinho" e instruiria a vuduísta a pegar da prateleira o boneco do cliente, feito no momento em que ele se inscrevera no serviço. Seguindo direções da acupunturista, sua colega haitiana espetaria agulhas nos

lugares adequados do boneco do cliente que, a quilômetros de distância, sentiria os efeitos no seu corpo. Sem precisar sair de casa, e a qualquer hora do dia ou da noite. Estaríamos, também, livres dos maus pagadores, pois haveria a ameaça implícita que, a qualquer sinal de inadimplência, uma agulha trespassaria o seu tórax. Coisa que num bar é impossível.

Procuro capitalista.

TIA DOROTHÉA

ZERO HORA (8.8.91). Porto Alegre.

Dorothea é simpática, sorri muito e não tem aquele ar de censura permanente da Zélia. A direção da escola decidiu colocá-la à frente da classe difícil que a Zélia não conseguia controlar na esperança de que uma professora amigona desse melhores resultados, já que a Zélia ninguém chamaria de "tia". Com a tia Dorothea a classe tinha diálogo e até começou a ter liberdade de novo, depois de prometer que se comportaria. Mas olha aí. Apesar da boa vontade da tia, foi só ela virar as costas e começou a guerra de bixiguiinha. Essa classe não tem jeito mesmo.

Embora a economia brasileira talvez seja a única economia do mundo regida pela moral do jardim de infância, pela exortação à virtude e à ameaça do carão, a classe empresarial não pode se queixar de ser tratada como uma classe primária, em todos os sentidos. Comporta-se com a irresponsabilidade de quem sabe que o castigo nunca passará de uma reprimenda e no fim tudo será carinhosamente perdoado. Só que, o que na criança é inocência, no empresário mal-acostumado é cinismo. Anos neste jardim de infância não ensinaram ninguém a ter um comportamento adulto, ensinaram uma pantomima infantil de seriedade — acordos de cavalheiros esquecidos em minutos, sacrifícios simulados — e um capitalismo de faz-de-conta. Seu único risco é a tia fechar a cara.

Tia Dorothea já disse que está sentida e que os que abusaram do seu sorriso serão punidos. Preços liberados voltarão a ser tabelados e o Governo fará o possível para que os que aumentaram seus produtos além do razoável se sintam envergonhados, nem que tenham que ficar em pé num canto até a mãe vir buscar.

OS SUSPEITOS DE SEMPRE

ZERO HORA (18.9.91). Porto Alegre.

O filme *Casablanca* é como Shakespeare e a Bíblia: fornece citações para qualquer ocasião. Tem aquela cena em que o comando alemão em Casablanca exige providências do chefe de Polícia Louis Renault depois de um atentado terrorista e Renault ordena a um subordinado: "Prenda os suspeitos de sempre." Me lembrei dela vendo a lista das pessoas que têm conversado sobre o "entendimento" necessário para tornar o País governável. Salvo algumas caras novas, como a de bebê do Jereissati, são os suspeitos de sempre.

Mário Amato, Albano Franco, Passarinho, Ulysses, Antônio Carlos Magalhães, Orestes Quércia. Cada um à sua maneira representa um aspecto do Brasil velho que Collor, no seu discurso, dizia que ia acabar. Não acabou. Collor só pode se sentir frustrado na medida em que acreditou no próprio discurso. E quem desacreditou desde o começo só tem o dúbio prazer de poder dizer "Eu não disse?" Mesmo sendo um engodo, o projeto de Collor tinha a virtude da novidade. A capitulação de Collor não deve alegrar ninguém, porque é apenas outra prova da força do velho na política brasileira. Nem os loucos podem com ela.

O preço do entendimento será a reforma da Constituição. O que estão dizendo é que todo aquele trabalho para eleger uma Constituinte, toda aquela discussão e aquele vaivém às nossas custas foi em vão: fizeram a Constituição errada. Não era a que o FMI e os investidores estrangeiros queriam, portanto não serve para um país que votou pela abertura da sua economia quando votou em Collor. O acerto é esse: Collor confessa que não era o Messias e precisa dos suspeitos de sempre para governar, os políticos confessam que também erraram ao fazer uma Constituição irreal, zero a zero e bola ao centro. Está decretado um empate de ineptos, e o Brasil assiste a um espetáculo de penitência coletiva como nunca se viu igual.

T. S. Eliot também é uma boa fonte de citações. Um dos seus poemas termina mais ou menos assim: voltamos para o lugar de onde saímos, e o reconhecemos pela primeira. Voltamos para o lugar de onde estamos sempre saindo e encontramos a mesma turma de sempre. Olha, até o Sarney! E muitos continuam a não reconhecê-lo, e a confundir o eterno retorno com progresso.

A VERSÃO DO DENTISTA

ZERO HORA (29.10.91). Porto Alegre.

Contam que o Bernardo Cabral, reagindo às acusações de que se comportou como um crápula no caso com a Zélia, abandonando-a num quarto de hotel em Paris, mentindo que precisava ir ao dentista, está invocando o testemunho do próprio dentista como prova de que agiu como um cavalheiro. O dentista confirma que recebeu a visita do ex-ministro no seu consultório e que este chegou se apresentando.

—Doutor, sou o Bernardo Cabral.

—Certo. Qual é o problema?

—Acabo de chegar de Paris, onde estava com a Zélia. O senhor deve ter ouvido falar no nosso caso.

—Sim, só não sei o que ele tem a ver comigo.

—Calma. Estávamos num quarto de hotel em Paris. O senhor conhece Paris, doutor? É um dos lugares mais românticos do mundo. Tínhamos caminhado de mãos dadas pela beira do Sena. Comido ostras com champanhe num bistrô da Rive Gauche...

—Dr. Cabral, o senhor tem certeza que veio ao lugar certo? Eu sou um dentista...

—Espere, doutor. Chegamos no quarto. Ela estava com aquela saia curta. *La delicieuse*. Beijamo-nos...

—Dr. Cabral...

—Ela disse que iria ao banheiro trocar de roupa.

—Não sei o que isso...

—Espere, doutor! Eu fiquei ali, esperando. A porta do banheiro se abriu. Ela apareceu. Vestia uma camisola mais curta que a saia...

—E daí?

—Daí eu chupei a respiração... e me deu uma dorzinha neste dente bem aqui, doutor, ó.

Apesar de já conhecer a anedota, o dentista começou o tratamento, que continua até hoje. Cabral tinha a intenção de voltar ao quarto em Paris onde deixara a Zélia de *babydoll*. Só não podia prever que o tratamento seria tão longo. A Zélia, interpretando mal a sua demora, precipitou-se, e saiu o livro

injusto. Mas parece que o dentista também vai lançar um livro, contando tudo que ouviu de Cabral durante o tratamento.

— É verdade que a primeira escolha para dirigir o Banco Central era o Ibrahim Sued, Dr. Cabral?

— Mluok mimnlwon uouauok mimnns!

— Eu sabia.

MARCÍLIO, UMA PAIXÃO

ZERO HORA (31.10.91). Porto Alegre.

Sim, é a inveja que me faz voltar, obsessivamente, ao livro do Sabino. Tanto que vou tentar convencer o Marcílio Marques Moreira a me contar tudo sobre sua vida, sem poupar os detalhes escabrosos. A reunião ministerial em que recebeu um bilhete da Dorothea Werneck dizendo "A sua gravata está torta", e ruborizou. A vez em que, num encontro com Mário Amato, caminhou até ele, estendeu firmemente a mão e disse, com todas as letras, "Bom dia". O escândalo que protagonizou numa livraria de Nova Iorque ao encontrar um livro sobre a história dos debêntures que procurava há anos, fazendo "Oh!" e em seguida pedindo desculpas a uma velhinha a seu lado pela manifestação intempestiva, e ouvindo em resposta "Tudo bem, honey, eu também tenho gases". A vez em que chutou uma pedra em pleno calçadão de Copacabana, à luz do dia. A vez em que... Mas não quero estragar a sua leitura. O livro, claro, só sairá depois que Marcílio deixar o Ministério. O País mal pode esperar!



A verdade é que o governo mais espetaculoso da história da República está perdendo justamente a batalha das relações públicas e da auto-imagem. Botou um anti-Zélia na Economia para acalmar o mercado e ele deixa todo mundo nervoso com a sua calma. Nega medidas heterodoxas para evitar o pânico e toma medidas ortodoxas e previstas tão mal que elas causam pânico. Há o governo que faz bem e comunica mal e o que faz mal e comunica bem. Este faz mal e comunica pior. E era a sua especialidade.

O OUTRO

ZERO HORA (29.12.91). Porto Alegre.

Já que estamos personalizando a História, vale, por justiça, lembrar outro personagem que, como Gorbachev, tem muito a ver com o que aconteceu à URSS. Ronald Reagan. Para um presidente que passou boa parte do seu mandato provando que a catatonia pode ser um estilo de governar como qualquer outro, Reagan fez demais. Uma das suas teses simplistas e ridicularizadas era que a corrida armamentista cedo ou tarde quebraria a União Soviética e que intensificar a corrida anteciparia o fim. Estava certo. Para o seu anticomunismo primário, as massas oprimidas do Leste só esperavam uma oportunidade para romper seus grilhões e derrubar o Império do Mal por dentro. Descontado o melodrama juvenil, foi o que aconteceu, e a retórica de Reagan ajudou.

O triunfo retroativo de Reagan seria completo se, no processo de forçar a URSS a pedir penico, ele não tivesse quase acabado com a economia do seu próprio país. Sob Reagan, os Estados Unidos se transformaram no maior devedor do mundo e o déficit que ele deixou ainda inferniza a vida do seu sucessor, Bush. Sua política de favorecimento fiscal dos ricos e de cortes nos programas assistenciais do governo agravou as distorções sociais nos Estados Unidos, que hoje têm um exército de sem-tetos e sem-perspectivas quase a nível latino-americano. Os simplismos de Reagan na área econômica — como o que basta deixar os ricos ficarem mais ricos que todos terão mais trocados — não tiveram o mesmo sucesso dos seus simplismos internacionais. A reciclagem de uma indústria de armamentos hipertrofiada que regia a economia de regiões inteiras é outro problema herdado de Reagan pelo país de Bush. A indústria de armas era a única que podia ser protegida dos japoneses por questões de segurança sem ferir os princípios da livre iniciativa. Agora que o Dragão Vermelho perdeu seus dentes e não há mais inimigos, não há mais desculpa.

Ronald Reagan, herói ou vilão de dois mundos, e de qual dos dois? Como Gorbachev, ele vai ter que esperar o tal julgamento da História, aquele contra o qual ninguém está mais aí para recorrer. A única vantagem de Reagan no caso de uma condenação seria poder dizer que não estava consciente.

PAPAI NOEL

ZERO HORA (24/25.12.91). Porto Alegre.

Loucura, loucura mesmo deve ser a festa de Natal do Cleto Falcão. Ninguém tem tantos e tão generosos amigos secretos.



Alceni Guerra escreveu uma longa carta ao Papai Noel, queixando-se da imprensa e declarando que ele, Papai Noel, é que é feliz, pois não tem que fazer licitação entre seus fornecedores, nem dar explicações, nem depor no Congresso. Que inveja! Papai Noel respondeu dizendo que, realmente, sua vida é bem mais fácil do que a de um ministro do Governo Collor mas que pelo menos uma coisa eles têm em comum: ninguém acredita mais nele também e mesmo assim ele continua no cargo.



Já o Magri recebeu uma carta do Papai Noel. Sobre a sua aposentadoria, que, depois de dois mil anos de serviço só na Era Cristã, era de Cr\$ 24.200,00. Magri respondeu que sempre o admirara muito, acompanhava sua carreira nos quadrinhos com interesse e sentia que, no filme, não tivesse aparecido o Robin.



Marcílio se confundiu e mandou a carta do Papai Noel para o FMI e a carta do FMI para o Papai Noel e o resultado é que o FMI está muito contente com o comportamento dele e vai nos ajudar mas o Papai Noel, quebrando uma longa tradição, respondeu com uma carta desaforada.



A figura anacrônica do Papai Noel, quem diria, sobreviveu como símbolo à do seu sócia, Karl Marx, que começou depois. Não apenas isso. As tentativas terceiro-mundistas de substituir o velho imperialista cultural por alguém mais nosso e tropical não só não deram certo como o tempo se encarregou de

agravar o fracasso com uma ironia: Fidel Castro está ficando cada vez mais parecido com o Papai Noel.



Mas Papai Noel talvez não dure muito mais. Cena num shopping. Pai e filho pequeno. Pai aponta e diz "Olha o Papai Noel, meu filho!" Filho fica olhando em silêncio. Depois levanta um punho cerrado sobre a cabeça e outro na frente do peito e grita, com voz de dublador de seriado japonês na tevê:

— Pelos poderes de Jaspion!

E aponta um dedo mortífero na direção do Papai Noel. Se não fosse o pai desarmá-lo a tempo, protegendo todas as suas ilusões e muitos anos de boas memórias, o filho teria desintegrado o Papai Noel.

1992

O BICHO-PAPÃO

ZERO HORA (4.2.92). Porto Alegre.

Não é bom mexer em velhos recortes de jornal. Nos arriscamos a encontrar a opinião de alguém tão diferente da sua opinião de hoje que é como se o pegássemos de ligas pretas, dançando com um marinheiro. O flagrante do pecado da incoerência nos constrange e, em vez do "Arrá" do desmascaramento, preferimos a discrição. Mesmo porque, quem de nós está livre de remorsos pelo que pensou, disse e principalmente escreveu um dia? Perdoamos a inconstância dos outros para que perdoem as nossas. Não vou dizer o nome do pecador, portanto. Só dizer que dia desses descobri o recorte de um artigo seu, da época em que o Brasil ainda não tinha nada a ver com o FMI e nem se correspondiam. O autor era do Governo e o objetivo do seu artigo era nos aterrorizar com o FMI. O FMI não era um recurso normal a que talvez fôssemos obrigados a recorrer se a política econômica da época desse errado, como deu. O FMI era o fim. Não havia independência econômica possível depois de recorrer ao FMI. O quadro nos pobres países que tinham se submetido ao receituário do FMI era de sofrimento e desânimo, o Brasil precisava evitar o mesmo destino. Mesmo descontando-se que ele usava o FMI como o bicho-papão que nos engoliria caso não engolíssemos as medidas econômicas do governo militar, o terror era real. Quem precisava das ameaças da esquerda, de que o FMI seria a dominação eternizada do capital espoliador sob a capa da ortodoxia econômica, quando havia a ameaça da direita de que ele viria nos pegar no meio da noite? Fosse como fosse, "ir ao FMI", como então se admoestava sombriamente, não tinha a naturalidade que a mesma direita defende, hoje, como se nunca tivesse dito o contrário. Não era uma escolha econômica, era uma desistência, uma capitulação ao impensável. Foi o que ela escreveu na época.

Depois de muitos anos em que, brasileiroamente, fomos ao FMI sem realmente irmos, parece que acabou a tolerância com nossas infantilidades. Instalaram aqui um governo decidido a fazer uma recessão purgativa, o FMI a avalizou e vamos finalmente ver que cara tem o bicho-papão. Se corresponder

ao que meu articulista secreto diz dele agora, será um desconforto passageiro que nos entregará, no fim, ao mundo dos bem-comportados e felizes. Se corresponder ao que ele descrevia anos atrás, será um bicho-papão nos moldes clássicos. Aquele que mata criança.

BESAME... MAS NO MUCHO

ZERO HORA (27.2.92). Porto Alegre.

A moderação que Zélia e Bernardo não tiveram, e olha no que deu, deve ser uma constante em todos os casos de amor modernos. Como, por exemplo, o caso de amor dos neoliberais com sua doutrina. Compreende-se o entusiasmo, o liberalismo é um sucesso em todo o mundo. Do Yeltsin ao Chuí, ele tem cada vez mais apaixonados. Sociedades inteiras estão abandonando o estado desmoralizado e sucumbindo à sedução do mercado. Mas a trilha sonora deste romance deve ser um ritmo cauteloso. Quantos dos nossos liberais estão dispostos a se entregar total e perdidamente à prática liberal, e quantos acham que a liberalização deve ser completa... Mas no mucho? Besame, mas só na testa por enquanto?

A ameaça de escancarar o país às importações está forçando alguns a repensar sua paixão. E, talvez, a dar razão aos que dizem que o dogma do liberalismo deve ser condicionado pela conveniência. E concluir que brincar de liberal aqui dentro, comprar estatal com ticket-restaurante e comprimido etc. é uma coisa, mas competir sem proteção num mercado de gente grande é outra. Dizem que a pré-condição para liberar as importações deve ser desagravar a produção nacional e deixá-la no ponto para competir. O mais certo é que anos de maus serviços a um mercado consumidor cativo e indefeso condenariam a produção brasileira ao fracasso num confronto com a importada, independente de impostos e isenções. Pagaríamos pelos nossos maus hábitos por muito tempo e nosso empresariado quebraria muito antes de aproveitar a lição. E, mesmo, pré-condicionar a aplicação do liberalismo é negá-lo, ou confessar que — como o guri que só ameaça bater no outro porque estão segurando os dois — a convicção não é tão forte assim.

Nos Estados Unidos, que afinal é o que nós queremos ser na outra vida, a recessão e o desemprego estão provocando heresias contra o dogma liberal até de candidatos do Partido Republicano, o partido dos grandes negócios e

do *free trade*, e tradicionalmente menos paroquial que o Democrata. Prega-se abertamente o protecionismo e barreiras específicas contra os japoneses. O amor pelo liberalismo também fenece, momentaneamente, entre os nossos ídolos. Certamente não é nada parecido com o que existe na Rússia, onde eles ainda estão na fase do bolero.

A grande lição disto tudo é: evite as grandes paixões. Cedo ou tarde elas o desiludirão.

PANTOMIMA

ZERO HORA (3.3.92). Porto Alegre.

Na sua coluna deste domingo no JB, o sempre admirável Castello Branco disse que, nos seus dois primeiros anos de governo, Collor pagou o preço por ter passado da administração de um estado pequeno para a presidência do Brasil sem sustentação e vivência políticas. Seu primeiro gabinete teve a mesma motivação, do efeito cênico sobre o conteúdo, da sua mística eleitoreira de caçador de marajás e de jovem messias de tiro único, e nos dois casos a culpa era da sua imaturidade. Só agora, com o ortodoxo Marcílio em lugar da super-hetero Zélia, o balcão de favores do Fiúza substituindo o desprezo original pela barganha política e o pirotécnico Alcení e o ridículo Magri fora, Collor estaria pronto para governar. Implícita na análise do Castellinho está a conclusão de que os desacertos destes dois anos se justificam como uma educação para o moço. Isso se você aceitar que uma nação inteira tenha sido sacrificada para que um simpático político provinciano adquirisse experiência, presumivelmente para melhor gerir suas empresas depois. Os estudantes de medicina pelo menos treinam a técnica cirúrgica em cachorros e cadáveres. Mas a grande tragédia do Brasil, da qual Collor não é culpado, é que a alternativa para os pseudomessias nunca é uma outra etapa política, uma nova sabedoria purgada pelo erro, mas uma volta a velhos vícios. Nesta incrível pantomima de mudança perto do segundo aniversário do seu governo, vê-se Collor, o novo incompreendido, sucumbindo a Antônio Carlos Magalhães, o macaco velho, como se os dois não fossem filhos da mesma oligarquia, do mesmo arranjo, da mesma desconversa de sempre, com a única diferença que um pensa que não é. O que acabou não foi a imaturidade de Collor, foi a fantasia de que ele era outra coisa. E mesmo para quem se

convence com a pantomima, ou acha que um pouco de fingimento em nome do pragmatismo e da paz institucional não faz mal, fica difícil defender a adoção da moral do Centrão como um progresso político.

ORIENTALIZAÇÃO

ZERO HORA (15.3.92). Porto Alegre.

Marco Pólo trouxe duas coisas que pegaram no Ocidente, o macarrão e o orientalismo. Tanto quanto o macarrão, o orientalismo foi tomando formas diversas através do tempo. Serviu à fome ocidental pelo exótico, influenciou a moda e a imaginação européia e transformou o Oriente em sinônimo de coisas tão diferentes quanto sabedoria milenar e obscurantismo fanático, dependendo da época e do humor do Ocidente. Hoje o Oriente é sinônimo de empreendimento e eficiência e os "tigres" asiáticos são exemplos da integração de política e negócios, mão-de-obra automobilizada e capital livre que os liberais ocidentais vêem como a saída para o Terceiro Mundo. (Com boa vontade às vezes exagerada: política e negócios muitas vezes se unem pela corrupção, como se vê no Japão, e nem o entusiasmo da mão-de-obra é tão voluntário e nem o capital dos tigres é tão devoto do livre comércio assim.)

Mas o orientalismo ainda pode tomar outra forma em países como o Brasil, que crescem no Sul do Ocidente com poucas das vantagens de serem ocidentais. Nossa miséria é oriental mas nossa cultura é européia e americana, elas não se alinham e convivem mal. Talvez o próximo passo do orientalismo entre nós seja adequar a cultura à realidade. Já que o caminho para ocidentalizar nossas massas parece cada vez mais difícil, orientalizemos a nossa sensibilidade. Assim, como no Oriente, a miséria será um dado culturalmente integrado, com o qual se viverá através das gerações sem culpa e sem outra expectativa, ou pelo menos sem muito desconforto. Já existe resignação oriental nos nossos miseráveis que atribuem sua condição à vontade de Deus. Com a orientalização dos nossos sentimentos, tudo se encaixará. Poderemos caminhar entre os corpos na rua como, dizem, caminham em Calcutá, convencidos que a morte deles se deve a nada mais do que uma danação de casta. Se tivéssemos mais alguns milhares de anos de história poderíamos ser orientais com mais naturalidade, mas tudo se aprende. Orientalizemo-nos, portanto, para agüentar a parada até o orientalismo dos liberais começar a dar certo.

MONTRACHET

ZERO HORA (17.3.92) Porto Alegre.

Quando os altos funcionários do governo Nixon envolvidos no escândalo Watergate começaram a ser condenados pela Justiça, uma revista de humor americana publicou uma história em quadrinhos sobre a provável vida deles na prisão. A história tinha todos os clichês dos filmes de penitenciária e terminava no clássico motim de refeitório, com os presos, descontentes pela ausência de um vinho branco decente no cardápio, batendo na mesa com os talheres e gritando "Montrachet! Montrachet!" até serem subjugados pelos guardas com promessas de que a falha seria sanada, mesmo que fosse com um Rioja inferior. Uma das conseqüências que ninguém está examinando dessa aparente disposição de processar e prender corruptos e corruptores no Brasil é que o nosso sistema carcerário fatalmente melhorará muito. Não existe um consenso sobre se a elite também vai para a cadeia nos países desenvolvidos porque as cadeias são melhores ou se as cadeias são melhores porque a elite as frequenta, e nem importa. O fato é que pode-se prever um sensível aprimoramento de instalações e serviços nas nossas prisões com a qualificação progressiva da sua população. Não se deve esperar, claro, suítes presidenciais, pelo menos numa primeira etapa. Mas bem decoradas suítes executivas e conjuntos ministeriais com quarto, lavabo, quitinete e sala para reuniões com o segundo escalão, por que não?

Um sistema de cotações — cinco estrelas para prisões com sauna e piscina térmica etc — e a possibilidade do condenado escolher sua penitenciária não só assegurariam o funcionamento do sistema em bases saudavelmente empresariais como incentivariam as confissões voluntárias, sem necessidade de gravador. E mais: as empreiteiras, estas tradicionais usinas de corrupção da nossa história republicana, teriam interesse dobrado em construir boas penitenciárias, para garantir sua participação num mercado lucrativo e porque a qualquer hora elas poderiam receber seus executivos, para os quais seriam reservadas as coberturas. Nas concorrências para construir penitenciárias, as propostas das empreiteiras incluiriam, num pacote: preço superfaturado, provável duração da pena no caso de denúncia e as preferências para o desjejum do apenado, café ou chá e os ovos de que jeito.

Haveria o risco das construções de luxo excluírem as construções populares, como já existe no mercado de imóveis, e dos criminosos comuns ficarem sem cadeia. Não interessa. Dentro dos muros das suas penitenciárias revestidas com ladrilho, a elite brasileira viveria o seu sonho de segurança total: guardas 24 horas por dia e o convívio exclusivo dos seus pares.

ECOS DO VERÃO

ZERO HORA (12.4.92). Porto Alegre.

Foi neste último verão. A idéia dos dois casais, amigos de muitos anos, era alugarem uma casa de veraneio juntos. Foi o que fizeram. Pra quê.

Tudo culpa do comentário que o Itabora fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquíni fio-dental pela primeira vez. Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.

— Omhnamnmom!

Aquilo pegara mal. A própria Mima sorria sem jeito. O compadre Adélio fechara a cara, mas decidira deixar passar. Afinal, era o primeiro dia dos quatro na praia, criar um caso naquela hora estragaria tudo. Eram amigos demais para que um simples deslize — o som fora involuntário, isto era claro — acabasse com tudo. E a casa já estava paga por um mês.

Naquela noite, no quarto, a Isamar pediu satisfação ao marido.

— Pô, Itabora. Qual é?

— Não pude controlar, poxa.

— Na cara do Adélio.

— Eu sei. Foi chato. Mas saiu. O que eu posso fazer?

— Nós conhecemos a Mirna e o Adélio há o quê? Quase dez anos.

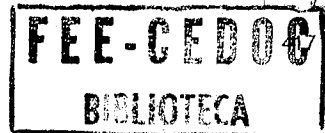
— Mas eu nunca tinha visto a bunda da Mirna.

— Ora, Ita!

— Não. Entende? A gente pode conviver com uma pessoa dez, vinte anos, e ainda se surpreender com ela. A bunda da Mirna me surpreendeu, foi isso. Me pegou desprevenido.

— Vai dizer que você nunca imaginou nem como era?

— Nunca. Juro. Nem me passou pela cabeça. E de repente ela estava ali. Toda, sei lá. Toda ali.



— Pois te controla.

Pelo resto do veraneio o Itabora fez questão de nem olhar para o fio-dental da comadre. Quando os quatro iam para a praia, se apressava para caminhar na frente. Se por acaso as nádegas da comadre passassem pelo seu campo de visão, olhava para o alto, tapava o rosto com o jornal, assobiava.

Um dia, o Itabora e o Adélio sentados no quintal, a Mima recém servira a caipirinha, de biquíni, e se dirigia de volta para a casa, e o Itabora suspirou.

— Que foi? — perguntou o Adélio, agressivo.

— Essa política econômica — disse o Itabora. — Sei não.

— Ah — disse o Adélio.

Até o fim do veraneio ficou aquela coisa chata entre os quatro. O Itabora não podia tossir que todos olhavam para ele, desconfiados.

ANTES DO ÚLTIMO HELICÓPTERO

ZERO HORA (20.9.92). Porto Alegre.

Uma das lições deste século em que tantas vezes o poder teve que fugir às pressas é que não há lugar para os ornamentos no último helicóptero. Nem para as torneiras de ouro, nem para os 500 pares de sapatos, nem para as carpas.

— Pagaremos porque fomos apenas decorativas — diz uma das carpas, prevendo o pior. Prevendo que o povo pulará os muros e encontrará apenas elas no jardim abandonado.

— Pagaremos por ser os símbolos de uma era. Pagaremos pela nossa inocência.

— Não quero pensar no que a massa fará conosco.

— Ah, ser um bagre obscuro num açude barrento, significando nada.

— Pagaremos pela notoriedade que não queríamos e pela beleza que não pedimos. Pagaremos só por estar aqui, agora. Pagaremos por eles.

— Só nos resta refletir sobre o destino, enquanto não viramos *sashimi* ou prova processual.

— O destino evanescente do detalhe que derruba um império. Como o centavo.

— O centavo? Não estávamos falando de nós e da nossa inutilidade fatal? Não estávamos entregues à autocomiseração, que é a última luxúria do condenado? Que centavo?

— O centavo. A gota d'água.

— Exemplifique. Ainda há tempo.

— Nada disto teria acontecido se tivessem estabelecido um limite para o que seria, digamos, desviado. Qualquer limite. Não importava a quantia. Um bilhão. Um trilhão. Mas nem um centavo a mais. Entende?

— Sei.

— Faltou a frase. "Nem um centavo a mais". Um compromisso. Um juramento. Um senso de medida, que substitui o escrúpulo nas sociedades modernas. Mas ninguém disse a frase.

— Ou, então, pior. Disseram mas não cumpriram.

— Porque em toda a história da cobiça humana, está provado, não é o bilhão ou o trilhão que derruba o ladrão. É o centavo.

— O último centavo.

— O detalhe.

— O desnecessário fatídico.

— A carpa da história.

— Muita gente só se convenceu da corrupção quando viu as fotos deste jardim. Nada do que foi revelado antes comoveu tanto as pessoas quanto as carpas e a cascata. Nós e a nossa circunstância. O Roberto Marinho tolerou tudo, menos a cascata. Disse que nem ele tem um jardim assim, estabelecendo, para sempre, os limites do permitido.

— A cascata foi a gota d'água.

— Ou a gota d'água foi uma cascata.

— Esqueça a autopiedade. O paradoxo é o último prazer do condenado.

— No fundo, a culpa é de Brasília. Aqui o poder é apenas uma forma hierarquizada de solidão. Em Brasília nenhuma multidão é uma multidão, é vários solitários juntos. E é impossível estar mais só do que numa reunião de ministério.

— Literatura. A culpa é de Brasília porque foi aqui que começou o Brasil moderno. Ou seja, o Brasil refém das empreiteiras. Juscelino inaugurou o regime sob o qual vivemos, e do qual tudo o mais é decorrência, principalmente o PC: a ilicitocracia. O governo por licitação falsa, o *lobby* como programa, "o quanto eu levo nisso" como lema e as relações públicas como justificativa histórica. Ao mesmo tempo que desbravávamos o nosso oeste político rom-

píamos a barreira moral que nos mantinha agropastoris e atrasados e nos privava da mola-mestra do progresso, que é o superfaturamento.

— Não, não. É algo no ar. Algo na luz, algo no chão. A construção de Brasília mexeu com o que não era para ser mexido, despertou um monstro enterrado, furou um veio maligno. Isso que anda aí não é mau caráter, é escapamento, é intoxicação. Odeio falar mal de quem, afinal, nos alimenta, mas não se deve esquecer que Collor respirou estas emanções na adolescência.

— Bobagem. Este canteiro de obras em qualquer outro lugar do Brasil teria dado a mesma coisa. A culpa não é do chão profanado, é da obra. Nenhum país se torna uma cleptocracia moderna e fica inocente ao mesmo tempo. Todo mundo sabe o que há num canteiro de obras: movimentos pesados e muita lama. Não é um lugar para almas leves. É um lugar para tratores e fiúzas.

— A culpa é da luz! Razão teve o Jânio, que deu no pé. Não foi golpe errado nem ressaca, foi lucidez. Jânio encarou a luz de Brasília e decidiu que ela, sim, o enlouqueceria. Era ela ou ele. Fugiu.

— Jango chegou a Brasília com a pior ilusão que um presidente pode ter: a de que preside. Não soube administrar nem sua solidão. Também foi expulso.

— Os presidentes militares sobreviveram à luz, ao ar e ao sortilégio de Brasília porque souberam usar a principal virtude militar, que é a falta de imaginação. A solidão não os afetou porque mesmo o general mais sozinho tem a companhia das suas divisas e, portanto, pelo menos uma presunção de tropa.

— Brasília não se contentou em repudiar Tancredo. Matou-o.

— Culparam os germes do hospital. Mas foram outros. Os que escaparam quando acordaram o monstro, como as bactérias vingativas de uma tumba invadida.

— A danação poupou Sarney.

— Tudo poupou Sarney. A vida, a história, a crítica literária, os eleitores, o Tribunal de Contas... Sarney descobriu a camuflagem perfeita para passar por Brasília incólume. Se disfarçou de José Sarney.

— Collor foi o primeiro produto natural de Brasília a chegar ao poder. Está aí a explicação de sua empáfia: pensava que sabia todos os truques do lugar. Todos os patifes. Mas Brasília o surpreendeu: produziu um estrangeiro para derrubá-lo. Eriberto. A tática de dizer a verdade foi desconcertante. Não estava nas regras de Brasília. Foi fau. Golpe alto.

— Que movimento é esse no jardim?

— Se for outra dupla sertaneja, eu me mato.

— Meu Deus, desligaram as cascatas! Será o fim? O povo já escala os muros? Onde está o helicóptero?

— Calma. É uma filmagem. Querem provar à Nação e ao Roberto Marinho que o jardim não é bem assim.

— O que pedirão de nós, para disfarçar nossa beleza? Nariz postiço eu me recuso a usar.

— Talvez apenas peçam "nadem com humildade". Afinal foi a arrogância que trouxe este império a este ponto.

— Acho que devemos ser autênticos até o fim. Se é nossa empáfia que tem que derrubar o império, pois que seja.

— E sempre há a possibilidade de sermos adotadas pelo Itamar.

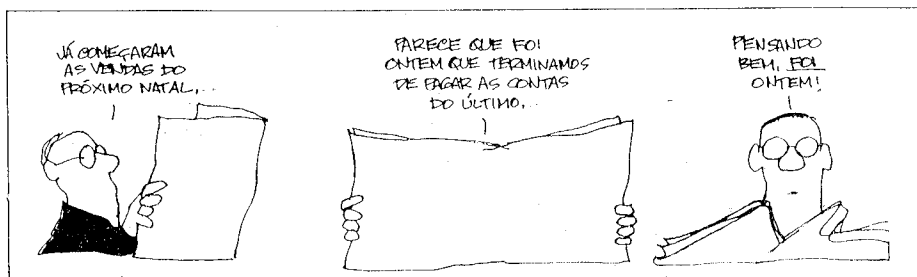


COISAS

ZERO HORA (22.11.92). Porto Alegre

Lição das umas: qual foi, mesmo? "Analista político" é um pouco como "Economista" no Brasil, uma profissão constantemente ameaçada pelo dia seguinte. O único consolo é que os fatos não desmentem apenas suas teses e previsões, desmentem a lógica. Na crista da maior mobilização nacional contra a corrupção e pela ética na política que se tem notícia, São Paulo elege — Paulo Maluf! Na falta de outra explicação, a vitória de Maluf só pode ser vista como a vitória de uma forma peculiarmente paulista de caciquismo. Mas isto desmente a tese de que estas eleições enterraram os caciques (Brizola, ACM).

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA (22 11 92). Porto Alegre.

DE VOLTA DO FUTURO (FIM)

ZERO HORA (27.12.92). Porto Alegre.

MÁ NOTÍCIA

A guerra comercial aberta entre Estados Unidos e Japão talvez não saia, mas a reação americana à agressividade japonesa nos negócios aumenta, e a eleição de Clinton não é uma boa notícia para o Japão — e nem para o Brasil. Os democratas são notoriamente mais paroquiais do que os republicanos e não têm o mesmo compromisso ideológico com o comércio livre, e o sentimento da paróquia é francamente a favor de proteção para indústria e empregos americanos. Clinton, um democrata bastante republicano, não deve avançar muito nesse caminho, mas o Japão está sendo obrigado a rever sua própria política protecionista. Em outras áreas, como a revalorização da educação e a necessidade do governo voltar a tanger a economia depois do liberalismo selvagem dos anos Reagan/Bush, Clinton usou o Japão como bom exemplo durante a campanha. A guerra aberta talvez só não saia porque, com todos os seus investimentos nos Estados Unidos, o Japão hoje não é apenas a maior ameaça ao emprego do trabalhador americano, também é um dos maiores empregadores do país. Ao contrário da guerra real pelo Pacífico, a guerra comercial é uma que o Japão não tem como perder. Pensando bem, a real eles também ganharam, perdendo.

RECUO

Clinton se elegeu criticando a chamada "trickle-down economics" de Reagan/Bush, que consistia em favorecer os ricos e tirar o governo do caminho dos empreendedores para que sua ganância produzisse a riqueza que cedo ou tarde pingaria nos pobres de baixo. É, com adaptações, a receita liberal pra todo mundo. Não funcionou. Pingou tão pouco que hoje os Estados Unidos têm mais ricos do que nunca, mas com inéditos bolsões de Terceiro Mundo supurando sob seus narizes atônitos. Los Angeles, que já foi descrita como várias aldeias à procura de uma cidade, hoje é vários barris de pólvora à espera

de uma chispa. Em São Francisco se vêem famílias de sem-teto mendigando na Union Square. Isso que a Costa Oeste está melhor do que a outra. E os Estados Unidos estão melhores do que a Inglaterra, onde os anos de ganância fizeram ainda mais estragos. Clinton venceu porque prometeu reativar a economia sem ameaçar demais o estabelecimento. É um democrata-centrão, seu modelo de intervenção estatal é o japonês, nada que lembre o velho "new deal". Mas o liberalismo recuou com sua eleição.

ETAPAS

Seria um exagero dizer que, depois de visitar a matriz, passamos pela filial antes de voltar para o sertão. A Califórnia ainda não é filial do Japão, talvez uma concessionária. Mas que a parada funciona como uma etapa de descompressão, funciona. Entre o futuro e o pré-histórico, paramos por um momento na transição.

1993

MONSTROS

ZERO HORA (10 1 93). Porto Alegre.

Já se disse que há instantes que definem uma época. E nem precisam ser instantes verdadeiros, ou ao menos prováveis. Quem pode dizer que o jovem Hitler e o doutor Freud não se cruzaram um dia em alguma rua de Viena e esbarraram um no outro, um protótipo intelectual da raça que, segundo Hitler, inventou a consciência, e o homem que tentaria exterminá-las, a raça e a consciência, da História? Diálogos imaginários que só não aconteceram por acaso resumiriam séculos. Goethe e Napoleão colocados num dramático promontório contra um fundo pintado por Goya, com trilha sonora de Beethoven, teriam todo o século XIX aos seus pés e o liquidariam num texto de quinze minutos. Ou então Hegel, Marx e Nietzsche, de porre, numa mesa de bar. Ou então um encontro que realmente houve, numa certa casa perto do lago de Genebra, no verão de 1816.

Foi um verão chuvoso e os poetas Percy Shelley e Lord Byron, a amante de Shelley, Mary Wollstonecraft, e um amigo de Byron, John Polidori, na falta do que fazer, inventaram um concurso de histórias de horror para passar o tempo. Não se sabe o que aconteceu com as histórias de Shelley e Byron mas as dos dois talentos menores, Mary e Polidori, continuam sendo contadas até hoje, quase dois séculos depois. Mary inventou a história do doutor Frankenstein e publicou, quando já era casada com Shelley. Polidori baseou-se na história verdadeira de Vlad, o nobre empalador da Transilvânia, para criar um vampiro que aterrorizava a vizinhança. Mais tarde Bram Stoker aproveitou a idéia e escreveu *Drácula*, mas a história de Polidori, chamada *The Vampyre*, já tinha saído numa coleção de contos em 1819. Polidori tem sido esquecido neste último reerguimento de *Drácula* dos mortos, por causa do filme.

Ninguém sabe se as duas histórias nasceram na mesma noite, com as sombras projetadas pelas mesmas velas ondulando nas paredes da Villa

Chapuis. Nem quem dormiu com quem naquela noite, ou se alguém conseguiu dormir. Mas duas matrizes de horror tinham sido inauguradas, duas histórias arquetipais que já nasciam com a autoridade de mitos. E mitos contrários, os mitos opostos do século.

Em 1816 Napoleão estava exilado em Santa Helena, onde morreria pouco depois, e a Europa tratava de restaurar a ordem dos velhos regimes. Mas a sacudida que a revolução francesa e as guerras napoleônicas tinham dado na imaginação européia deixara abertas as fendas por onde surgiriam os monstros. O grande pavor do século XIX era a consequência de tanta revolução: a burguesa, a tecnológica, a de expectativas sociais. Que forças terríveis e antinaturais estavam sendo liberadas? Muitos críticos já disseram que o dr. Frankenstein representa a ciência que desafia a ordem natural e que sua criatura — feita de partes de camponeses, do refúgio do mundo feudal — representa o proletariado, o produto mais temível da nascente revolução industrial. O capitalismo e seu algoz nascendo juntos. O dr. Frankenstein teme que seu monstro inaugure uma "nova raça", incontrolável. Saint-Just, falando da promessa que a revolução francesa trazia para o homem comum, disse que a felicidade era uma idéia nova na Europa. O monstro de Mary Shelley diz ao seu criador, num inglês provavelmente formal: "Eu era benevolente e bom, a miséria me transformou num demônio. Me faça feliz, e eu serei outra vez virtuoso". A restauração do velho regime era impossível, a divisão se instalara no mundo, e nada mais juntaria as partes, mesmo que o monstro reivindicador acabasse não feliz mas morto.

O conde-vampiro representa o poder monstruoso do senhor feudal, a perversão da nobreza, a velha ordem proprietária corroída pelos seus vícios antigos e destruída por dentro. Na versão de Bram Stoker, Drácula não é mais o lorde provinciano de Polidori que chupa o sangue de camponeses para sobreviver, numa forma apenas um pouco mais extrema de espoliação feudal. Na Londres vitoriana, Drácula é um empreendedor capitalista moderno. É outra força terrível que a revolução industrial liberou no mundo e, como o monstro de Frankenstein, também ameaça se multiplicar e corromper a humanidade toda.

O doutor Frankenstein se horroriza com seu próprio projeto de criar um homem novo mas não consegue largá-lo. A ciência é amoral, o dr. Oppenheimer também só se horrorizou depois que a bomba já tinha sido largada em Hiroshima. A ciência está condenada a experimentar e a subverter a natureza sempre, é a sua maldição. Drácula é prisioneiro de uma compulsão parecida.

Morde pescoços para possuir as pessoas e usá-las, mas é sempre um aristocrata de cabelo engomado dominado por uma maldição. Como a "mão invisível" do mercado de Adam Smith que impulsiona o empreendedor a empreender, independente dos pruridos que o cercam. A moral burguesa e o empreendimento amoral também nasceram juntos.

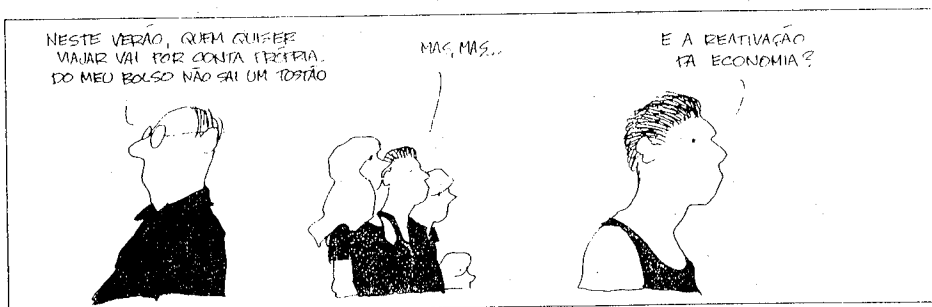
Nunca saberemos exatamente o que se passou naqueles dias chuvosos na Villa Chapuis, se Mary também tinha que cuidar do chá e das torradas enquanto enfrentava o desafio intelectual dos homens, e que fim levou esse John Polidori, de quem pouco se ouviu falar depois. Ele acompanhava Byron, com quem tinha uma possível ligação homossexual — o apelido dele no grupo era Rolly Polly — e seu fascinante vampiro talvez tenha muito do demoníaco poeta. Certamente nem Polidori nem Mary imaginavam que estavam criando dois protótipos que levantariam dali e caminhariam com suas próprias pernas até hoje, juntando significados novos pelo caminho.

Pensando bem, não se sabe nem quem ganhou o concurso.



O filme de Coppola é ótimo, um filme não sobre o terror mas sobre a representação do terror em todas as suas formas, desde a mais primitiva, a sombra na parede, até os últimos truques do cinema. O poder da máquina e da imagem em movimento era outro monstro que saía das fendas no século XIX.

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



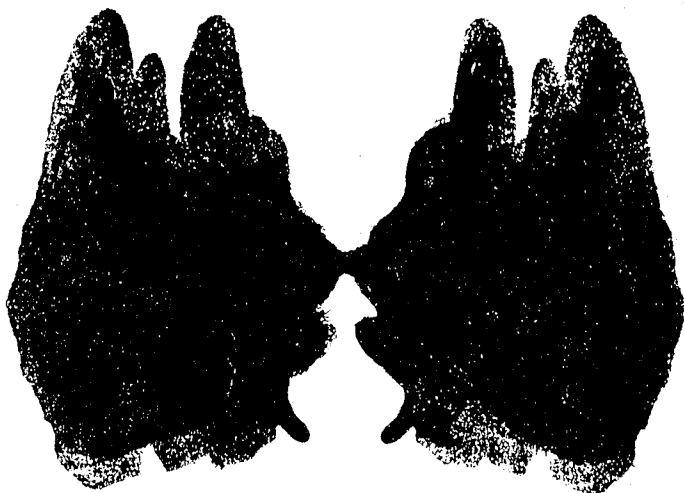
ZERO HORA (10.1.93). Porto Alegre

DESCUBRA-SE

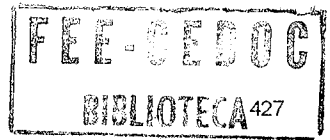
ZERO HORA (7.3.93). Porto Alegre.

A propaganda não está ajudando, por isto você terá de decidir sozinho se é presidencialista, parlamentarista ou monarquista. Não é verdade que existam sinais exteriores da tendência de cada um, tipo "pé grande é parlamentarista", "orelhudo é presidencialista" etc. Se bem que quem diz coisas como "por obséquio" com o erre carregado e pisca muito é quase certamente monarquista. Mas há testes que ajudam você a descobrir o que é, e como deverá votar em abril. Por exemplo:

Examine a figura a seguir e depois escolha a descrição que mais se aproxima da sua própria interpretação.



- 1) Dois gatos brigando.
- 2) Dois parlamentares discutindo, cada um querendo nomear a sua mãe para o cargo de faxineira da Câmara com o salário inicial de Cr\$ 42.500.000,00 e lançando sérias dúvidas sobre a capacidade da mãe do outro para qualquer profissão em que precise ficar de pé, enquanto a nação espera impacientemente a desobstrução da tribuna para decisões mais importantes, como a transferência definitiva da sede do governo federal para Caruaru.
- 3) Itamar discutindo com ele mesmo, no espelho, antes de se pentear, sobre a conveniência de nomear o Delfim Netto e o Aloísio Mercadante juntos



para o Ministério da Fazenda, fazer uma média das suas sugestões, jogar tudo fora e convidar a Dercy Gonçalves. O Itamar do espelho prefere a Dercy Gonçalves e o Eugênio Gudim, desde que este possa ser convencido a ressuscitar, e está ganhando a discussão.

4) Uma bucólica paisagem da serra, vista pelo novo rei num dos seus passeios matinais a cavalo, pouco depois de assinar as leis que restabelecem o serviço de liteiras na corte, em Petrópolis, e autorizam a desapropriação de Brasília para construção do Disneyworld Sul.

Se você escolheu a resposta 1, você é uma pessoa normal, séria, racional e é difícil entender como leu até aqui. Emigre imediatamente.

Se você escolheu a resposta 2, é obviamente um presidencialista. Também poderia ter identificado a imagem como "a assinatura de Inocêncio de Oliveira no documento da sua posse como primeiro-ministro".

Se você escolheu a resposta 3, claro, é um parlamentarista que não quer mais o país governado de acordo com a vontade de algum salvador providencial ou seu eventual substituto. Outra interpretação possível para a imagem é "Collor e PC Farias chegando ao acordo final: 70% para um, 30% para outro, enquanto a Rosane, que não aparece, diz 'E o meu?'"

Se você escolheu a resposta 4, é um monarquista. Tudo bem. Tudo bem, eu disse. Não, eu *não* estou rindo. Isto é um tique.

Se você viu só um borrão de tinta, é completamente maluco e não terá muita dificuldade em votar no plebiscito.



COISAS

ZERO HORA. (7.3.93). Porto Alegre.

Mas também não se pode embarcar nessa condenação da inconstância de Itamar entre suas convicções nacionalistas e dores populistas e a receita liberal para a economia sem saber o que está em jogo, ou pelo menos sem definir os termos da condenação. O que é "atraso" para a Fiesp e os banqueiros pode ser uma inédita disposição de enfrentá-los, mesmo que seja itamarmente. No Brasil é sempre preciso saber exatamente o que se está defendendo, antes de atacar. Agora, Eliseu Resende é um atraso indiscutível.

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA ((7 3 93) Porto Alegre.

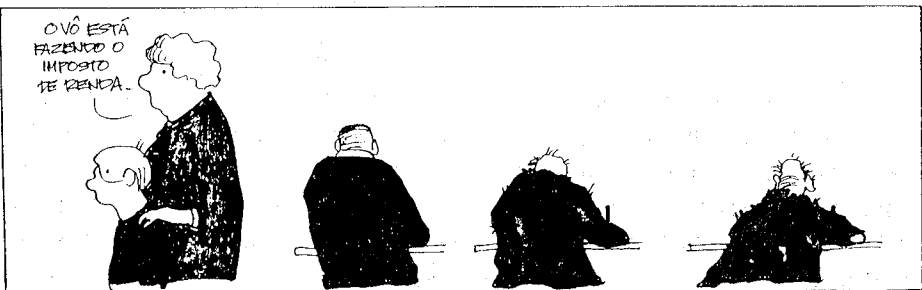
REVELAÇÕES

ZERO HORA (11.4.93). Porto Alegre.

SITUAÇÃO

Se entendi bem, a situação nacional é a seguinte: metade da população está nervosa porque o governo diz que não tem um plano econômico mas sabe que ele está mentindo e vai lançar um plano econômico de surpresa a qualquer momento, a outra metade está nervosa porque o governo diz que não tem um plano econômico e sabe que ele não tem mesmo, e o governo está nervoso porque não sabe se diz que tem um plano que não fez ou faz um plano mas não diz. E vice-versa.

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



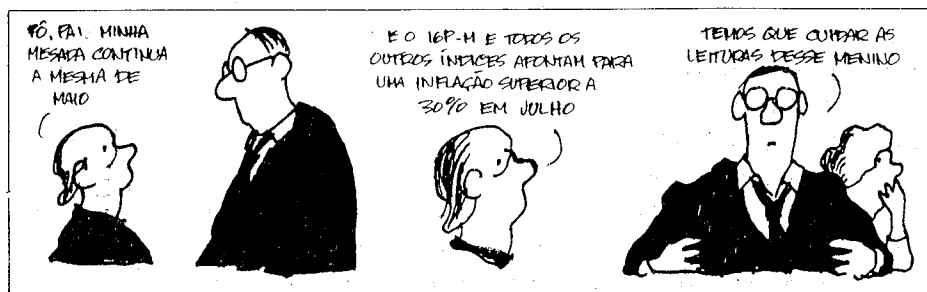
ZERO HORA (23 5 93) Porto Alegre.

COISAS

ZERO HORA (13.6.93). Porto Alegre.

O Brasil é este país verdadeiramente incomum: enquanto parte vai pra Cucuia, outra parte vai pra Cancun. *** Nos Estados Unidos, as trapalhadas do presidente em suas relações com o Congresso e na escolha do primeiro e segundo escalões de governo despertaram nos americanos uma terrível suspeita: a de que Clinton seja de Juiz de Fora. *** É cedo para dizer se os bicheiros do Rio estão mesmo acabados. Dizem que tudo voltará ao normal e que o maior risco deles foi que, quando a juíza os mandou para a cadeia, todo mundo jogou na jararaca. Mas se for para valer, o fato representa mais uma etapa na desromantização do marginal que acontece no Brasil desde que no Rio se deram conta de que quem vive lá no morro não vive mais perto do céu não, a não ser no sentido de viver mais perto da morte, nem faz samba mais puro. E que o malandro folclórico tipo Morengueira trocou a navalha pela Uzi e hoje malandro mesmo é o malandro federal, com capital, da música do Chico. Isto é triste porque, afinal, a idéia do bom bandido nos mantinha inocentes, mas é bom porque equivale a uma desromantização da miséria também. Assim como o crime não tem nenhum charme remissor, a miséria não tem nenhum consolo embutido, nada que desarme a revolta.

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA (12.7.93). Porto Alegre.

1994

O BAILE DOS ASTERISCOS

ZERO HORA (2.1.94). Porto Alegre.

A ARTE DE ROUBAR

O político não tem o privilégio do artista, que pode ser um canalha em particular se sua obra o redimir. Uma única gravura do Picasso absolve uma vida de mau caráter. Hoje estuda-se a obra do Marquês de Sade com a mesma isenção moral com que se estuda a obra de Santo Agostinho — que nem sempre foi santo — e ninguém quer saber se o escritor enganava o fisco ou batia na mãe se seus livros são bons. Bem, querer saber, queremos, mas pelo valor do fuxico, não para informar a apreciação. O poeta W. H. Auden escreveu (mais ou menos) que o tempo, que é intolerante com o bravo e o inocente e esquece numa semana uma figura bela, adora a linguagem e perdoa todos os que vivem dela, e que com esta estranha disposição perdoa a Kipling sua opinião e perdoará tudo em Paul Claudel só pelo que ele botou no papel. O tempo de Auden só precisa de mais tempo quando o pecado do artista, como o dos reacionários Kipling e Claudel, for o da ideologia errada. Pois se não se admite no político a perversão privada do artista, a única inconveniência intolerável no artista é a incorreção política. Assim um Louis Ferdinand Celine e um Wilson Simonal continuam esperando a remissão que o tempo já deu a, por exemplo, Nelson Rodrigues, e que um Jean Genet nem precisou esperar. Mas cedo ou tarde a terão.

O político que declaradamente roubava mas reclamava para si um pouco desta imunidade do artista. Sua obra justificava seus pecados, quando não era uma decorrência deles. Todo o sistema de conviências e o deixa-para-laísmo que dominam o Congresso brasileiro, e que estão sendo julgados agora, presume a mesma desconexão entre moral privada e moral aparente. A cultura do clientelismo, onde o suposto proveito substitui a ética, está baseada nela.

O que causou a atual sublevação contra a roubalheira e o deixa-para-laísmo no Brasil teria sido a conclusão de que aqui não se tem nem a ética nem o proveito, rouba-se para poucos e não se faz para a maioria. Em cleptocracias mais avançadas a obra dos artistas do desenvolvimento, todos bandidos, redimiu-os. Empresários corruptores e políticos corruptos fizeram dos Estados Unidos, por exemplo, o que eles são hoje. O capitalismo selvagem americano domou-se a si mesmo, ou controlou-se razoavelmente, mas nos seus tempos desinibidos escandalizaria o Ricardo Fiúza. O tempo de Auden adora a linguagem e perdoa seus craques, o tempo americano adora o sucesso e perdoa todos os seus meios. Cedo ou tarde.

A atual crise do sistema de convivência que nos domina pode mesmo significar a escolha de outro modelo, já que este não tem tempo para se redimir antes que haja um estouro, que desta vez ninguém de fora ajudaria a controlar por conveniência ideológica. Mas a sistemática rapina do país pelas suas próprias instituições é apenas a versão oficial da história rapina deste país pela sua elite, o governo é a mão enluvada da elite no nosso bolso. E é tão antigo e bem-sucedido este sistema que as revelações destes dois últimos anos, ao mesmo tempo que animam, intrigam, e a autodepuração fica suspeita. Afinal, por que a rotina passou tão repentinamente a ser escandalosa? Claro, Collor foi pego dentro do galinheiro e José Carlos tinha dólares no colchão. Mas entre a denúncia e o escândalo existe um longo curso de decisões tomadas ou não, desde o editor que escolhe como dar a notícia até o delegado que investiga ou esquece e o superior que aceita ou manda arquivar — a imensa área de manobra do deixa-para-laísmo como autodefesa de um sistema que é muito maior do que um bando de aproveitadores em Brasília. Gostamos de pensar que tudo que está acontecendo é simplesmente a nação dizendo aos seus rapinadores que não tem mais saco, e que a indignação transformou-se numa força política conseqüente no Brasil. Mas o longo hábito de descreer nos indis põe para as boas conclusões. Na falta de uma espetacular ocorrência policial, algum dia o escândalo do sistema bancário brasileiro — só para ficar num exemplo de rapinagem rotineira — causará a mesma indignação com a mesma conseqüência? Que movimentação oculta, que troca de mando ou guerra de bandos se processa por trás dos escândalos? Até onde tudo isso é desconversa? Sei lá.

No Brasil parece não haver outra escolha entre ser bobo e ser cirico.

PREVISÕES

ZERO HORA (9.1.94). Porto Alegre.

Minhas previsões para 1994. O Brasil vencerá a Copa do Mundo numa final contra a Coréia (será uma copa estranha). Haverá um terremoto durante a estada da Seleção em São Francisco mas o Dunga não sentirá nada. O relatório da CPI concluirá que todo mundo é culpado, recomendará a substituição dos brasileiros por outro povo e abrirá licitação para fornecedores. A Odebrecht, claro, ganhará a licitação. O Itamar casará com a Denilma só para chatear o Simon, depois se dará conta do que fez e renunciará. O Inocêncio assumirá a Presidência. Um gigantesco asteróide cairá sobre Brasília, embrulhado num papel com um bilhete de Deus dizendo "chega!". Um tablóide inglês revelará que Boris Yeltsin é conhecido nos corredores do Kremlin como "*Tatiana*", a rainha-mãe da Inglaterra é, na verdade, um ex-major dos granadeiros chamado Bruce e Bill Clinton um dia molestou Michael Jackson. E que o papa...

Na verdade posso prever o que eu quiser. Ninguém me cobrará depois. Videntes e economistas têm profissões à prova de erro, no Brasil. Médicos e engenheiros pagam pelos seus erros. Com a vida dos outros, certo, mas suas reputações também sofrem um pouco. Já economistas que passam pelo governo e erram têm assegurados bons contratos de consultoria na saída, e parece haver uma relação inversa entre fracasso público e sucesso privado: nada como ser um desastre no ministério para aumentar a reputação de um economista. Os ministros da Fazenda e seus assessores só descobrem o que precisa ser feito para salvar a economia do país no dia seguinte à sua saída do ministério, quando passam a ser críticos dos seus substitutos, com respostas para tudo e conseqüente alta cotação no mercado. Uma das tantas perversões brasileiras é que o ministro da Fazenda ideal para o país é sempre o que acabou de sair — mas que só se torna ideal quando sai. Quando recebe, do alto, as Revelações do Dia Seguinte.

Os videntes contam com um aliado infalível para manter sua reputação: o tempo. O mesmo ano que os condena, pois nada do que previram aconteceu, os absolve, pois quem se lembra das suas previsões um ano depois? Alguns são consagrados pela coincidência mas a maioria mantém sua reputação graças à falta de memória das pessoas e à indulgência da imprensa, que afinal

precisa das suas tradicionais matérias de fim de ano sobre búzios e cartas e não quer desmoralizar suas fontes. Também existe a necessidade de acreditar, semi-acreditando, que alguma coisa rege nossos destinos. Quando eu fazia o horóscopo no jornal, nunca deixava de ler o que escrevia sobre meu signo, na manhã seguinte. Para saber o que o dia e os astros me reservavam.

ABACATE

ZERO HORA (6 2 94) Porto Alegre.

A fruta-símbolo do Brasil deveria ser o abacate e não apenas porque seu exterior é verde e o interior verde e amarelo e ele dá em qualquer quintal da pátria. Porque no Brasil descobriram que batendo a polpa do abacate com açúcar e limão tem-se uma das sobremesas mais finas que existem, provavelmente o exemplo supremo do corriqueiro transformado em iguaria na culinária mundial — depois do *escargot*. No México misturam o abacate com pimenta (no México misturam tudo com pimenta) e cebola e chamam de *guacamole*, e a mistura merece o nome. Nos Estados Unidos e em outros países o abacate só é usado na salada, sem muito entusiasmo. Ninguém antes do brasileiro, que eu saiba, teve a idéia do creme doce de abacate, às vezes com um pouquinho de leite, e que só não é uma das sobremesas consagradas do mundo porque não se chama *mousse verte* ou coisa parecida. O abacate representa, assim, a vocação brasileira para o ineditismo, e para o aproveitamento singular dos seus recursos.



Nenhum outro país pensou na correção monetária para conviver com a inflação. No Brasil, inventaram a fórmula para evitar que o monstro destruísse a casa: em vez de acabar com o monstro, aumentam a altura da casa sempre que sua cabeça toca o teto. É a versão pelo inverso de uma história que o Josué Guimarães inventou, a da mulher que diminuía diariamente de tamanho. Todos os dias, compungidos com sua situação, o marido e os filhos serravam os pés de mesas e cadeiras e diminuía o tamanho dos móveis, para a mulher não se dar conta do que lhe acontecia. A mulher acabava dormindo num

travesseirinho, dentro de uma caixa de fósforo, um pouco preocupada com aquela doença que transformava o resto da sua família em gigantes, mas feliz. Bastaria ela sair de casa para descobrir a sua insignificância, exatamente como o cruzeiro real, mas a ficção cumpria seu papel confortador. Neste caso o recurso brasileiro usado singularmente é o da fantasia que não substitui a realidade, apenas a adia.



Quando se pensou em substituir a gasolina tradicional por alguma mistura com álcool, para enfrentar a crise do petróleo, o Brasil pulou na frente e passou a usar o álcool puro, produzido em escala amazônica em todo o país, com apoio do governo. Uma solução tão simples quanto a receita de creme de abacate, mas com resultados mais discutíveis. Pelo menos a se julgar pela crise atual no setor e na pobreza declarada dos usineiros, que choram na ida e na volta de Cancun. Mas o programa do álcool foi uma tentativa inédita que nenhum outro país tinha condições de fazer. Neste caso as particularidades brasileiras aproveitadas foram nossos grandes espaços aráveis e a predisposição do Estado a dar dinheiro a quem já tem.



Impeachamos um presidente antes mesmo de traduzir o termo e fomos os primeiros no mundo a levar o processo até o fim e um pouco além, punindo o impeachado duas vezes. Nenhum outro Congresso terá se autodepurado nas mesmas proporções que o nosso, se todas as sugestões de cassação feitas no relatório da CPI forem aceitas. O relatório também foi inédito: é provavelmente o único documento do seu tipo no mundo a usar a metalinguagem. Sua feitura, sabe-se agora, foi um exemplo de exatamente os vícios que ele condena.



Anos atrás, já tínhamos instituído a democracia condicional. Você se lembra. Qualquer um podia ser presidente da República, desde que tivesse quatro estrelas. O que restringia a escolha a generais e hotéis.



Nossa vocação para inéditos nos faz repetir na política o que aconteceu com o Carnaval, uma festa sem expressão no resto do mundo que o Brasil exagerou a ponto de transformar em referência cultural. E feriado nacional.



O resto do mundo talvez passe a olhar nossas crises institucionais como hoje olha o nosso Carnaval: um pouco atônito, sem saber exatamente do que somos capazes, e até onde vai esta volúpia pelo diferente. A política brasileira pode virar atração turística.



E o turista que vier conhecerá, de quebra, o nosso creme de abacate.

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA (27 2.94) Porto Alegre.

O QUE VOCÊ DEVE SABER

ZERO HORA (6.3.94) Porto Alegre.

Qual é a pronúncia correta de URV?

A pronúncia correta é "u-erre-vê" e não "úrvi".

Qual é o valor de uma úrvi?

Uma úrvi é igual a um dólar e sempre acompanha o dólar. Menos nos Estados Unidos, onde ele vale alguma coisa.

Existem úrvis de várias denominações?

A úrvi é uma referência, não é uma moeda. Mas nada impede você de imaginá-la como uma cédula, com o retrato de Fernando Henrique de um lado e uma cena da reunião ministerial em que o Hargreaves segurou o Barelli por trás enquanto o Fernando Henrique tentava convencê-lo a aceitar o plano, estrangulando-o, do outro.

A úrvi não é muito complicada?

Sim, mas você terá três meses para se acostumar com ela. Quando estiver acostumado, ela desaparecerá.

Os preços dos oligopólios serão calculados em úrvis?

Não. Os oligopólios têm sua própria unidade de referência, o MQD, ou Mais Que Dé. Aliás, têm seu próprio país.

O que a "média" disse pro "pico"?

Não sei. O quê?

"Desce daí, tira essa fantasia de marquês e vem trabalhá, moleque."

Sim.

Como o governo controlará os oligopólios?

Convidando-os, periodicamente, para reuniões informais, onde dará um jeito de inserir temas como lucro excessivo, responsabilidade social e comportamento ético na conversa, mas sempre cuidando para não ofendê-los, senão eles vão embora e levam o país junto.

Como os oligopólios reagirão?

Sorrirão polidamente e roubarão as colheres do cafezinho.

Como devo calcular meu salário para convertê-lo em úrvis?

Some tudo o que você recebeu nos últimos quatro meses. Ponha de lado até você esfriar. Escreva a cotação do dólar comercial no dia 15 de cada um dos últimos dez meses em papeizinhos. Embaralhe-os. Escolha um papelzinho. Não deixe eu ver! Decore-o. Ponha de volta na pilha. Jogue a pilha fora.

Multiplique tudo pela idade do Pécio Arida e divida por 17, se você mora no Sudoeste. Se não der 0.038, procure um especialista.

Como ficam os aposentados?

Bem, bem. Um pontado do lado e alguma dificuldade para urinar, mas isso já era esperado.

E os preços?

Nem me fale.

Quais serão as conseqüências políticas de um sucesso da URV?

Serão consideráveis. É possível até que as eleições deste ano sejam adiadas e só realizadas quando o rei Fernando Henrique I julgar que o clima for propício.

E o Itamar?

Não pode ser convertido em úrvis. Desculpe.

Não, não. Como o sucesso do plano afetará a reputação do Itamar?

Ele passará à História como o presidente que escolheu o homem certo na hora certa. Se não tivesse escolhido o Eliseu Rezende para ministro da Fazenda quando escolheu, não teria havido a reação indignada que o forçou a substituí-lo pelo Fernando Henrique e nada disto teria acontecido. Estadista é isso.

É verdade que o Fernando Henrique agora acredita em Deus?

Não só acredita como chama de "colega".

Qual é a definição oficial de "aumento abusivo de preços"?

É quando os preços dos supermercados aparecem 200% mais caros de um dia para o outro e eles ainda acrescentam alguma coisa desagradável sobre a sua mãe no cartaz.

Que tipo de investimento é recomendado neste momento?

Passagens aéreas. Se tudo der certo elas se valorizarão, se nada der certo — fuja!

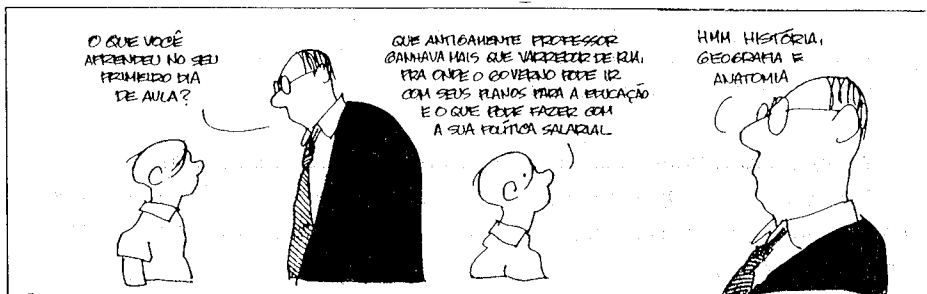


COISAS

ZERO HORA (6.3.94). Porto Alegre.

A URV é o dólar que não ousa dizer seu nome. Só não houve dolarização explícita porque temos que proteger nossa reputação de ineditismo. Logo nós, que inventamos a correção monetária, fomos os primeiros a impichar um presidente e fizemos a única Constituição autodissolúvel do mundo, íamos passar por meros imitadores? E de argentinos?!*** Também temos o primeiro parlamentarismo camuflado de que se tem notícia. Um primeiro-ministro disfarçado de ministro da Fazenda e um presidente disfarçado de, bem, de Itamar. Se funcionar, nada contra.*** O Fernando Henrique é um pouco como o América do Rio. Mesmo quem não é torcedor simpatiza. Só ele poderia ter atravessado todos estes meses de inflação alta anunciando com convicção um plano tão precariamente construído, que quando o governo lançou sua cartilha para explicá-lo ao público, na sexta da outra semana, ainda não sabia o que estava explicando. *Efe Agá* superou a aparência de inércia com uma bem articulada aparência de bom senso e transformou a demora num triunfo de prestígio pessoal. Poucas vezes a personalidade de alguém influenciou tanto na nossa história.**

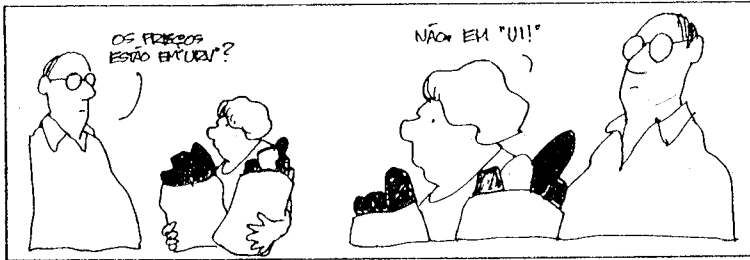
AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA (6.3.94). Porto Alegre.



AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA (13.3.94). Porto Alegre.



COISAS

ZERO HORA (13.3.94). Porto Alegre.

Vem aí Margareth Thatcher, a musa liberal. Ela é comparada a Joana D'Arc, porque impôs sua fé com vontade de ferro e foi mais homem do que muitos homens, mas também porque foi santa para um lado e bruxa para outro. Para os franceses Joana D'Arc é uma heroína, na história contada pelos ingleses (inclusive por Shakespeare) é uma fanática possuída pelo Demônio. A reputação de Thatcher na Inglaterra também depende de com quem você fala. Os liberais brasileiros obviamente preferem a santa da privatização, que quebrou a espinha dos sindicatos e salvou o capitalismo inglês do assistencialismo. Para outros, o único milagre de Thatcher foi o de transformar a insensibilidade social numa virtude política. O estado da economia que ela deixou na Inglaterra, hoje com a indústria menos competitiva e as piores taxas de desemprego da Europa Ocidental, reforça a versão da bruxa. O que não parece afetar muito o entusiasmo dos liberais brasileiros.

HÁBITOS

ZERO HORA (20.3.94). Porto Alegre.

Era uma vez um Fernando Henrique que queria atravessar um rio traiçoeiro e pediu a ajuda de um oligopólio que passava com água pela cintura,

já que para os oligopólios sempre dá pé. O oligopólio, como se sabe, é um animal enorme que se alimenta, justamente, de Fernandos Henriques e similares. O oligopólio perguntou ao Fernando Henrique por que deveria ajudá-lo em vez de comê-lo, e o Fernando Henrique respondeu que era do seu interesse salvá-lo, pois se se afogasse isso ajudaria Lula, o inimigo natural do oligopólio, a chegar à presidência da floresta em vez dele. O oligopólio concordou e o Fernando Henrique montou nas suas costas e lá se foram eles para o outro lado do rio, o Fernando Henrique já se vendo na cadeira do Itamar. Mas no meio do rio o oligopólio enlaçou o Fernando Henrique com um de seus tentáculos e o levou na direção da sua bocarra aberta.

— Mas como? — disse o Fernando Henrique, suspenso no ar. — Você vai me comer, mesmo sabendo que só eu posso salvá-lo do Lula?

— É que eu sempre faço um lanche no meio da viagem, e não consigo mudar de hábitos — explicou o oligopólio.

E engoliu o Fernando Henrique.

ZEBRA

ZERO HORA (10.4.94). Porto Alegre.

Só um país que consegue ter inflação na moeda de outro podia ter como animal símbolo um que não vive em seu território. Nenhum bicho é tão brasileiro quanto a zebra, embora os brasileiros só a vejam em jardins zoológicos e assim mesmo com desconfiança: do jeito que nos enganam, pode ser burro pintado.

Nossa história política tem sido uma sucessão de "zebras", principalmente a partir da eleição de Jânio, que "deu zebra" espetacularmente. Jango, seu substituto, também sucumbiu à zebra, embora os militares continuem a chamar aquele estranho animal de revolução. O primeiro governo civil depois de 64 deu zebra: Tancredo nem tomou posse. Assumiu o Sarney, a primeira zebra de jaquetão trespassado de que se tem notícia. Depois o Collor: zebra. Depois o Itamar, que também foi obrigado a renunciar, cedendo o poder ao Fernando Henrique. Zebra.

Ultimamente, os poderosos da república vivem um pesadelo zebrado. O medo de estar em alguma lista. Não sabem se vão acordar numa lista preta,

mas sabem que se acordarem no branco é temporário. As listas, como na zebra, se sucedem. Quem escapou da lista do PC, da lista das empreiteiras, da lista da Previdência, da lista do José Carlos e da lista do Castor de Andrade não pode estar tranqüilo. É sinal de que suas probabilidades de não estar numa lista ficam cada vez menores, uma das próximas certamente o pegará. Muito ouvido, nestes dias:

— Em quantas listas você está?

— Só em uma, graças a Deus.

Chegará a um ponto em que só quem estiver em duas ou mais listas merecerá atenção da polícia e do judiciário.

Se a polícia e o judiciário não estiverem nas mesmas listas, claro.

O "ÓFI"

ZERO HORA (11.9.94). Porto Alegre.

O "em off" do jargão jornalístico vem de "*off the record*", "não para registro", e é o que o entrevistado diz para o entrevistador antes de dizer "mas se você publicar eu nego". O "ófi" é uma velha tradição que se tornou perigosa com o aperfeiçoamento dos meios de registro, como o gravador. Mas a voz num gravador ainda pode ser negada. A inconfidência das câmeras abertas da *Globo* e das antenas parabólicas no episódio Ricupero foi histórica porque pela primeira vez se viu um "ófi" registrado em detalhes e com nitidez indelével. Algo assim como a primeira fotografia comprovável de um Óvni, com o homenzinho verde abanando da janelinha, uma imagem para acabar com qualquer dúvida. O "ófi" captado não foi apenas uma confissão de cinismo e uma exibição de soberba e sinceridade (Ricupero, afinal, não disse nada que não fosse verdade), deve ter mostrado a muitos como o poder é exercido atrás das aparências e do discurso público, como num país como o Brasil tudo é uma conversa de cumplicidades tácitas muito diferente do que vai ao ar. Como tudo, enfim, é decidido em "ófi". Se é que alguém ainda não sabia disso. Quem não sabia teve um vislumbre dos bastidores do encontro da mídia com o poder, e ouviu que o chamavam de panaca.

Ricupero parecia um santo saído de um quadro do El Greco para redescobrir a vida. Só alguém desacostumado com o pecado se entregaria ao da

vaidade com um entusiasmo tão inocente, e desfrutaria da sua notoriedade com tanto gosto. E se confessaria com tanto abandono. Ricupero não sabia que até o "ófi", como as piores gafieras, tem suas regras. Usa-se o "ófi" para informar ou desinformar a imprensa sem comprometimento, não para se expor a alma. Um santo sem escrúpulos não é novidade na história da Igreja, a novidade é o próprio santo se acusar. E certamente há uma diferença entre usar o cinismo pela expansão e a glória da fé e usar o cinismo pelo PSDB. Mas Ricupero tem os consolos da sua religião. Talvez, ao se vangloriar do tamanho da sua esperteza, estivesse inconscientemente antegozando o tamanho do seu arrependimento, se fosse descoberto. Ao prazer do pecado o fugitivo de El Greco acrescentou o prazer da contrição. Parece ser um homem bom, merece todo o conforto. Só ficou nos devendo as notícias ruins sobre o plano, as que escondeu sem escrúpulos.

O episódio teve outras ironias. O Brasil da renda concentrada, do contraste entre o novo e o pré-histórico, foi traído por alguns dos seus símbolos, a parabólica e o videocassete. A *Globo*, tantas vezes acusada de usar uma formidável competência técnica para dissimular seu facciosismo, foi traída por uma gafe eletrônica. E o PT foi obrigado a chamar de escandalosa a primeira vez que um homem do sistema chama os empresários que o sustentam de bandidos, em público. O grande lance político do PT seria o de oferecer um almoço de desagravo à Fiesp, em algum bandejão. Mas não parece haver muita disposição para a ironia nas hostes do PT. Quem pode se dar o luxo da gozação é o Itamar Franco, tanto que substituiu o Ricupero pelo Ciro Gomes.

Imagine como foi o processo de escolha.

—Estou pensando em convidar o Elizeu Rezende de novo ...

—Presidente!

—Brincadeira. Quem vocês sugerem?

—Bom, o importante agora é desfazer a impressão de que o governo está favorecendo a candidatura Éfe Agá. Tem que ser alguém sem qualquer ligação com o PSDB. Alguém que ninguém possa suspeitar de que vá usar o plano politicamente, que não hesite em tomar medidas necessárias ou dar notícias verdadeiras mesmo que isso prejudique o nosso candidato. E alguém discreto, que não goste de aparecer.

—Já sei. Ciro Gomes.

—Não, presidente. Fora de brincadeira.

—Quem está brincando?

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA (11.9.94). Porto Alegre.

POETAS

ZERO HORA (2.10.94). Porto Alegre.

Manuel Bandeira escreveu um dos refrões nacionais quando ansiou por estar em Pasárgada, onde era amigo do rei. É o que todos nós queremos. Até dispensaríamos os outros atrativos da terra sonhada do poeta — ginástica, bicicleta, burro brabo, pau-de-sebo, banho de mar, beira de rio e mulher desejada na cama escolhida — se tivéssemos a consideração de nosso amigo, o Rei. Para alguns, ser amigo do Rei significa ter influência no governo, qualquer governo. Para outros significa ter dado o passo mágico com o qual, no Brasil, os que estão por fora passam para dentro. Ter transposto o balcão que separa os que atendem mal dos que são mal atendidos pelo Estado. O serviço público é a Pasárgada de muita gente, mesmo que, ao contrário da Pasárgada de Bandeira, não tenha tudo nem seja outra civilização, seja um serviço mal pago com pouco privilégios. Não importa, está-se ao lado do Rei, livre da danação de ser apenas outro cidadão brasileiro.

A amizade do Rei é desejável justamente porque, num país como o Brasil, não basta ser cidadão para ter direitos de cidadão. Nossa grande ânsia por Pasárgada vem desta consciência do Estado não como algo que nos serve mas como um clube de poucos do qual é preciso ser membro porque a alternativa é ser sua vítima. Outra Pasárgada é a terra do dinheiro e do pistolão,

dos que podem olhar as filas do Inamps e a miséria à sua volta como se olhassem outro país, no qual felizmente não vivem. Parte do choque quando os assassinados e os assassinos são, assim, gente do nosso nível, vem dessa sensação de que Pasárgada foi conspurcada. Estamos preparados para a invasão de Pasárgada pelos que ficaram de fora. Não sabemos como pensar no assassino dentro de casa.

Agora, Pasárgada mesmo, Pasárgada além de sonhada, é não ser só amigo do Rei, é ser da sua corte. Ser da minoria dentro da minoria que desmanda no país. Estar no centro dessa teia de cumplicidades tácitas que sobrevive a toda retórica reformista e enreda, suavemente, quem chega a ela, por mais bem intencionado que chegue. É uma confraria sem estatutos ou regras claras, uma confraria que nem bem conhece a si mesma. Você só sabe que está em Pasárgada e que é bom.

Como existem cemitérios de automóveis, Brasília deveria ter, nos seus arredores, um cemitério de boas intenções, descartadas na entrada da corte. O truísmo de que todo poder corrompe tem sua versão brasileira: aqui o poder, além de corromper, ameniza. As piores intenções também são desarmadas pelo morno convívio dos amigos do Rei. Nossa ditadura não foi tão furiosa quanto a argentina e a chilena pelas mesmas razões que nossas boas intenções fracassam. Continuam a existir duas repúblicas brasileiras, a amena república dos amigos do Rei e uma imensa nação exilada de si mesma, e que não pode ir embora para lugar nenhum.

De todo novo governo que chega a Brasília se espera para ver não o que farão pelo Brasil mas o que Pasárgada fará com eles.

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL

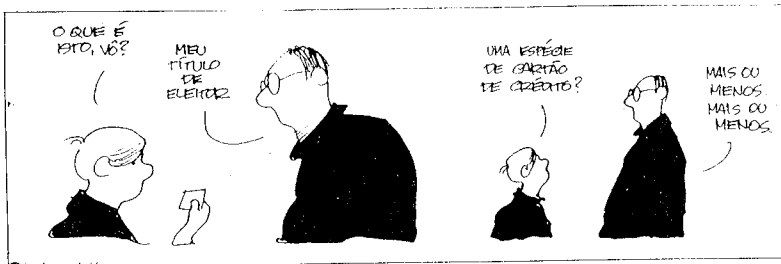


Ensaio FEE, Porto Alegre, (16)2.391-452, 1995

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL

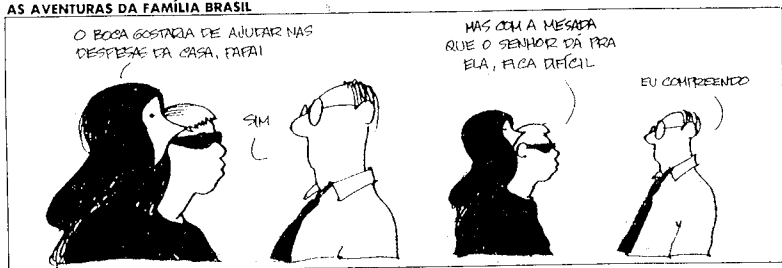


ZERO HORA (9.10.94). Porto Alegre.



ZERO HORA (23.10.94). Porto Alegre.

AS AVENTURAS DA FAMÍLIA BRASIL



ZERO HORA (30.11.94). Porto Alegre.

A PRIMEIRA

ZERO HORA (4.12.94). Porto Alegre.

PRIVATIZAÇÃO

Não entendo por que a Odebrecht não faz o seu próprio governo em vez de viver tentando comprar o dos outros. Um governo só da Odebrecht substituiria o atual governo constitucional brasileiro com vantagem. O presidente e os congressistas seriam obrigados a justificar seu salário da Odebrecht com assiduidade (inclusive batendo ponto) e resultado, sob pena de demissão como em qualquer outra empresa privada, aumentando a eficiência do governo. Todas as obras do governo, obviamente, seriam da Odebrecht, o que eliminaria as licitações, com seu potencial de corrupção e clientelismo, e assegurariam a moralização. Não haveria riscos à democracia: de quatro em quatro anos o povo seria chamado a escolher livremente entre uma das subsidiárias da Odebrecht para assumir o governo. Também não haveria prejuízo à competição entre as empreiteiras brasileiras: qualquer uma estaria livre para reivindicar subcontratos da Odebrecht ou, no caso de não obtê-los, comprar o seu próprio país.

HOMEM COMUM

O Homem Comum entrou na literatura mais ou menos tarde. Antes era só figurante, como aqueles que apareciam agrupados no fim de uma relação de papéis numa peça de Shakespeare: "mendigos, feirantes, prostitutas, etc". Era o "etc" da história. Mesmo nos grandes dramas reais em que a sua participação era tudo, como nas revoluções libertárias do século 18, o Homem Comum não conseguia mais do que papel de multidão, um mero componente do fundo contra o qual se cumpria o destino glorioso ou trágico de heróis e de reis.

Mas existe na literatura anglo-saxônica, como uma espécie de contracorrente ao desprezo institucionalizado pela ralé, uma tradição de participação política direta do homem paroquial que não existe na cultura latina e muito

menos na cultura ibérica que nos pariu. O protestantismo também eliminou os intermediários entre o homem comum e o Deus cristão, enquanto os países católicos preservavam seus santos, que são as projeções, na corte celestial, dos amigos do Poder. Assim, tendemos a pensar que a proximidade com o poder deve de alguma maneira santificar o homem, e nosso histórico desencanto com políticos vem dessa expectativa atávica constantemente frustrada. As democracias anglo-saxônicas são mais tranquilas, entre outras razões, porque não pressupõem que o homem comum se torne incomum na política nem esperam que o Estado seja melhor que a nação. Para nós o homem comum num cargo público passou para o outro lado, vive numa dimensão à parte com a qual temos choques, não contatos, e certamente nenhuma identificação. Elegemos políticos para nos representar e depois duvidamos que eles o façam, porque sabe como é político. Os políticos foram dessacralizados mas o poder como entidade não. As próprias "classes dominantes" brasileiras se queixam do governo como se elas não o tivessem gerado, como se ela tivesse se auto-inventado ou caído pronto do céu. E o próprio político, uma vez eleito, se sente a salvo em outro país, o Brasil oficial, que não deve nada ao Brasil de verdade, muito menos explicação.

Nosso atraso em relação às democracias que funcionam tem a ver com nossa irresolução histórica (já tem gente na civilização pós-industrial e nós ainda nem fizemos uma revolução burguesa), mas também se deve a esta herança fatal a incapacidade de pensar no Estado como um instrumento e não como uma versão secular das hostes divinas, dadivosa ou pervertida, dependendo da nossa sorte no momento. Efe Agá, com seu bom humor e sua aversão ao discurso empolado, é o primeiro presidente do molde anglo-saxão na história brasileira. Não é nada parecido com um Homem Comum mas talvez possa inaugurar aqui uma idéia de poder pragmático. Algo como o que o Parreira e o Dunga fizeram no futebol. Ele já disse que vai se preocupar com a liturgia do cargo e manter uma certa distância das coisas terrenas, mau sinal. E está comprometido com alguns dos santos mais falsos do nosso altar político, que se recusam a desocupar seu pedestal. Mas, quem sabe?

Enquanto isto, o Homem Comum brasileiro, esse paciente figurante menor na sua própria história, continua no bastidor esperando sua deixa.

1995

SUPÉRFLUOS

ZERO HORA (26 3.95) Porto Alegre.

O maior problema do mundo pós-industrial é que tudo do mundo industrial que ele sucateou desaparece, cedo ou tarde — menos o homem. A mão de obra se tornou supérflua mas não seguiu o caminho dos outros componentes da produção obsoleta, para a extinção. Continua sendo produzida como se ainda tivesse uso, e sem qualquer adaptação aos novos tempos. Ainda tem o mesmo formato e o mesmo sistema de funcionamento — pernas, braços, pulmões, coração, circulação sangüínea etc. — que tinha há milhares de anos. Ainda precisa ser alimentada do mesmo jeito, ainda transforma o que ingere em energia e elimina primitivamente o que não aproveita, poluindo o ambiente, como antigamente. Não houve mudança significativa no desenho estrutural do ser humano desde o aparecimento do dedão opositor, e isso foi há séculos. Isso se não se contar mudanças quase imperceptíveis no computador de primeira geração que ele chama de cérebro.

Todos os outros instrumentos da produção industrial foram se modificando ao correr dos anos, ou simplesmente se retirando e dando lugar a mecanismos mais eficientes ou rentáveis. O homem não apenas não se adapta aos novos métodos de produção como não aceita sua substituição com a mesma resignação filosófica de um torno ultrapassado, por exemplo. E continua se reproduzindo. Entulhando o mercado com obsoletos como ele.

Eu estou digitando este texto num computador e pensando o seguinte: o processo entre o que os meus dedos escrevem e o que sai impresso serve como metáfora para o que aconteceu com o mundo. Antes o que eu batia numa máquina de escrever — que já era, sozinha, uma metáfora para o século dezenove — era rebatido por um operador de linotipo, um híbrido de máquina de escrever e usina metalúrgica de onde saíam as minhas linhas transformadas em chumbo. Depois de uma revisão, as linhas voltavam ao linotipista para serem emendadas, depois eram montadas numa matriz da qual faziam o "flan",

um papelão que enchiam de chumbo para fazer a chapa encurvada que montavam na rotativa que imprimia o jornal. A passagem da composição "quente", nas fumegantes linotipos, para a composição "a frio", fotográfica, que depois virava chapa para rotativa em "off-set" sem a intermediação do chumbo, simboliza o fim de um ciclo industrial e o prenúncio do mundo dos bits. A produção com sangue quente dava lugar à produção volatizada. Hoje o texto pode passar do meu computador para o computador que comanda a rotativa sem sair desse misterioso espaço interligado onde os elétrons se encontram, e se entendem. Intocado por mãos humanas. A impressão digital sem impressão digital. O ideal ascético da economia globalizada: cartões de plástico e impulsos eletrônicos em vez de dinheiro, robots em vez de gente. Seria a perfeição, se o homem cooperasse.

Imagine-se o seguinte: velhas linotipos recusando-se a ser sucateadas, reproduzindo-se e enchendo as ruas com seu protesto. Sua inconformidade um estorvo. Sua insistência em viver uma ameaça pública. Até pelo seu tamanho desajeitado, lembram dinossauros que sobreviveram a sua era e ficaram por aí, atrasando o progresso e atrapalhando o cronograma do planeta. Seres humanos sem lugar na pós-indústria são como esses monstros hipotéticos. Sua era passou e eles não se flagram.

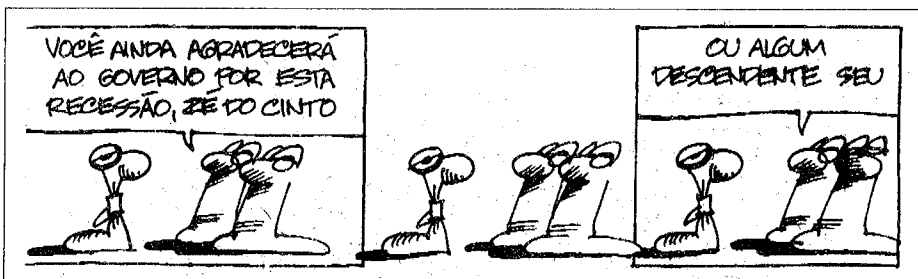
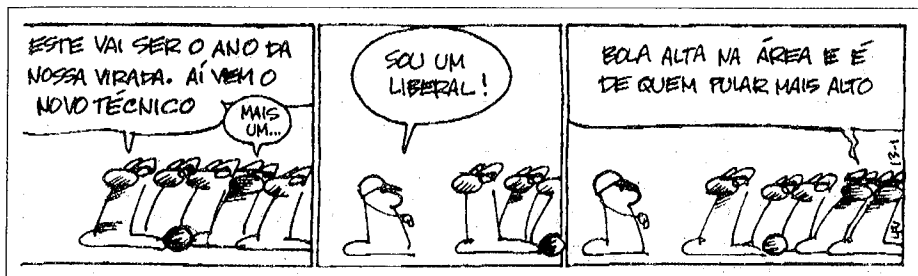
O que fazer com eles? Controlar sua reprodução e reduzi-la ao ponto em que só nascesse um número predeterminado de digitadores não parece viável, no momento. Incentivar o suicídio em massa, pagando a quem se mata, também não. Epidemias ajudam, mas velhos e provados métodos de reduzir a população, como as guerras mundiais, foram inexplicavelmente abandonados, apesar da ótima relação custo/benefício. Pode-se, claro, limitar seu acesso à alimentação, o que, dado o seu sistema anacrônico de metabolismo, os condenaria à extinção em poucas gerações. Mas existe o perigo de eles começarem a comer qualquer coisa, inclusive nossos computadores, e inclusive nós.

Felizmente, meu setor não é o de engenharia de recursos e o problema não é meu.

AS COBRAS



AS COBRAS



AS COBRAS

